

MARIAMO AMADE ABDULA

**ENSAIO DE REORDENAMENTO DA
UNIDADE KANSA - 1º BAIRRO
CIDADE DE QUELIMANE**

“Trabalho para obtenção do grau de licenciatura em Geografia”

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ST-1

MAPUTO, OUTUBRO DE 1997

AT-1

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos em especial e a toda minha família em geral.

ABREVIATURAS

CECQ - Conselho Executivo da Cidade de Qualimane

CMCQ - Conselho Municipal da cidade de Quelimane

CMCM - Conselho Municipal da cidade de Maputo

INPF - Instituto Nacional de Planeamento Físico

SPPFZ - Serviço Provincial de Planeamento Físico - Zambézia

D.U – Direcção de Urbanização

D.N.E – Direcção nacional de Estatística

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Manuel Araújo, meu supervisor, que esteve sempre presente em todas as fases deste trabalho dando o seu apoio tanto moral como em bibliografias que me foram muito úteis para a realização deste trabalho, a este Sr. que teve muita paciência comigo demonstrando a sua vasta experiência em derigir os seus discípulos, o meu muito obrigado.

Aos meus irmãos, tanto os que estão cá, em Moçambique, como os que estão em Portugal, pelo apoio que sempre me deram ao longo destes anos todos que frequentei a Universidade, que sempre me pressionaram para que terminasse o curso, posso até dizer que foi graças a eles que consegui concluir o curso e, na realização deste trabalho tenho a derigir meus especiais agradecimentos aos meus também especiais irmãos (todos eles os são), Xarifo, Salimo e Chaida que me apoiaram tanto financeiramente como moralmente.

A minha equipe de inquérito, são eles: Saima, Bachir, Dálica, Filó, Naila, Mayra, Nino e aos meus colegas de curso, Joaquina e Xadrequé, que não se importaram de largar os seus afazeres e me ajudarem neste inquérito em troca do meu muito obrigado.

Gostaria também de agradecer as seguintes pessoas e instituições pelo apoio de material bibliográfico e cartográfico que foram os principais alicerses deste trabalho, são eles:

O presidente do CMCQ - Sr. Jaime Gerente, ao Egenheiro Luis Pedro, chefe dos serviços do Departamento de Urbanização do CMCQ, ao Sr. Virgilio, planificador Urbano-CMCQ, a Sra. Maria Perdiz, do Apoio e Control em Quelimane, aos serviços provinciais de Planeamento Fisico- Zambézia e a Sociedade Gráfica Transmontana de Quelimane.

Aos meus amigos Salminha, Firoza, Zuraida, Belinha, Agostinho e especialmente ao Carlos que muito me apoiou na manipulação dos dados do inquérito que realizei.

A todos aqueles que directa ou indirectamente me deram o seu apoio na realização deste trabalho,

E como os últimos são os primeiros, aos meus pais, pelo todo apoio que me deram e pelo facto de estarem sempre presentes, vocês são os melhores pais do mundo.

A todos o meu muitíssimo obrigado...

RESUMO

O crescimento constante da população moçambicana na última década, a perspectiva do grande crescimento futuro e a quantidade de problemas não solucionados até o presente momento, implicam necessariamente um processo de desenvolvimento económico e urbano de uma complexidade crescente que requer uma intervenção pública mais geral do que foi realizada até a actualidade (INPF, 1986).

A actualidade deste assunto impulsionou a realização deste estudo cujo tema “ Ensaio de reordenamento da unidade de Kansa”, faz parte da disciplina de planeamento urbano, que pela sua dimensão territorial levou com que se restringisse a área de estudo. Pelo que, se escolheu um espaço bem delimitado na cidade de Quelimane, a Unidade de Kansa do 1º Bairro.

O objectivo principal deste trabalho é de estudar a viabilidade dum plano de reordenamento a médio e longo prazos da unidade Kansa em coordenação com a população residente para isso, utilizaram-se os seguintes métodos e técnicas que serviram para alcançar o objectivo traçado:

os métodos: consulta bibliográfica para se obter base teórico-conceitual; observação directa no campo que permitiu conhecer o lugar e as formas de ocupação do espaço; o método cartográfico que permitiu localizar, delimitar e identificar o objecto de estudo e,

as técnicas foram o inquérito, na busca de preocupações e opiniões dos residentes da unidade em estudo, porque como diz OLIVEIRA, M. (1965:66) “ o urbanista de hoje, para ser autêntico, deve partir do princípio profundamente humano de que uma cidade não são apenas as casas, ruas, avenidas, praças, etc., antes a comunidade que nela vive e convive, com os seus diversos grupos, suas instituições, seu modo de viver, suas tradições e seus costumes” e as entrevistas que serviram de colheitas de dados que complementassem os resultados do inquérito.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos no primeiro apresenta-se a introdução, os objectivos, geral e específicos, as hipóteses, o enquadramento teórico e as metodologias utilizadas ao longo desta dissertação. O segundo capítulo é dedicado à cidade de Quelimane, para dar uma introdução do local de estudo que é tratado no capítulo a seguir e, o quarto e último capítulo são as conclusões.

INDICE GERAL

DECLARAÇÃO	i
DEDICATÓRIA	ii
AÇRADECIMENTO	iii
ABREVIATURAS	v
RESUMO	vi

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO	1
1. OBJECTIVOS	3
2. EM FORMA DE HIPÓTESE DE TRABALHO	5
3. METODOLOGIA	6
3.1 – Procedimentos	6
3.2 – Análise das fontes	10
4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14

CAPÍTULO II

A CIDADE DE QUELIMANE

1. LIMITES E LOCALIZAÇÃO	21
2. BREVE RESUMO HISTÓRICO DA CIDADE	22
3. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA CIDADE	25
4. USO DOS SOLOS	29
5. POPULAÇÃO	31
6. INFRAESTRUTURAS DA CIDADE	33

CAPÍTULO III

UNIDADE DE KANSA

1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	
1.1 – Localização e limites	36
1.2 - Breve resumo histórico	37

1.3 – População	39
1.3.1 – Situação económica da população	44
2. ENSAIO PARA O REORDENAMENTO URBANO DA UNIDADE	
2.1 – Organização actual da Unidade	49
2.1.1 – Características habitacionais e ambientais	49
2.1.1.1 – Infraestruturas existentes	51
2.2 – Principais problemas existentes	58
2.3 - Prioridades dos residentes	60
2.4 - Estratégias a utilizar	63
<i>CAPÍTULO III</i>	
CONCLUSÕES	66
BIBLIOGRAFIA.....	70
ANEXOS	79

INDICE DE TABELAS

TABELA 1: Variação da temperatura média mensal ao longo do ano	27
TABELA 2 : Variação da precipitação média mensal entre 1982-1991	28
TABELA 3: Evolução da população da cidade de quelimane entre 1980-1991	31
TABELA 4: Distribuição da população da cidade de quelimane por bairros	32
TABELA 5: Equipamento escolar da cidade 1996/1997	33
TABELA 6: Distribuição da população inquirida por sexo	40
TABELA 7: Distribuição da população por idade	41
TABELA 8: Distribuição da população por motivo de mudança	43
TABELA 9: Distribuição da população inquirida por profissão	46
TABELA 10: Distribuição da população por segunda actividade	48
TABELA 11: Material de construção das casas	49
TABELA 12: Principais problemas da unidade	59
TABELA 13: Prioridade da população residente	60

INDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Variação de temperatura ao longo do ano	27
GRÁFICO 2: Variação da precipitação média annual	29
GRÁFICO 3: Dependência demográfica	42
GRÁFICO 4: Lugares de proveniência dos residentes da unidade	44
GRÁFICO 5: Habilitações literárias dos chefes de agregado	45
GRÁFICO 6: Entidade empregadora	47
GRÁFICO 7: Número de divisões nas casas	50
GRÁFICO 8: Abastecimento de água	51
GRÁFICO 9: Tratamento de águas residuais	54
GRÁFICO 10: Tratamento do lixo doméstico	55
GRÁFICO 11: Energia utilizada	57
GRÁFICO 12: Prioridades dos residentes	61

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Planear, organizar ou melhorar a ocupação dos espaços, são exercícios que o Homem sempre teve nas suas preocupações, mas que actualmente vêm tomando uma maior importância e dinâmica face ao constante crescimento demográfico, à intensificação de ocupação e a novas interrelações que se estabelecem entre população-actividade humana e espaço.

“ A organização do espaço físico é um processo de transformação da paisagem natural em uma paisagem cultural mais propícia às actividades e necessidades humanas” (FERREIRA, F. W, 1996). Foi a partir deste princípio que surgiu a ideia de se fazer um estudo de ocupação dum espaço urbano, a sua evolução e formas de melhorar essa ocupação de modo a corresponder à realidade actual das condições de vida dos habitantes do espaço em estudo.

Em Moçambique o crescimento demográfica tomou dimensões incalculáveis e não foi acompanhado por uma distribuição espacial equilibrada. As causas para essa distribuição desequilibrada são diversas, desde históricas e económicas até à guerra civil que durou cerca de 16 anos, pois com ela as populações se refugiaram para os lugares mais seguros: as cidades e seus arredores.

Actualmente, a população que vive nas urbes (em Moçambique) cobre cerca de 20.6% (UPP, 1992) da população total do país, contra os 12.6% de população urbana em 1980 (UPP, 1992).

A necessidade de se organizar os espaços, de modo a melhorar as condições de vida dos que os ocupam, é cada vez maior. O presente estudo insere-se no tema geral de Planeamento Urbano e desenvolveu-se na Unidade de Kansa, pertencente ao 1º Bairro da cidade de Quelimane. Esta encontra-se dividida em 5 Bairros e estes, por sua vez organizam-se em unidades territoriais administrativas. A unidade em estudo enquadra-se no primeiro bairro, juntamente com outras 9 unidades (vide anexo A, mapa 2)

Este trabalho está dividido em quatro capítulos que, por sua vez, encontram-se estruturados da seguinte maneira:

No primeiro capítulo serão abordados aspectos relacionados com a introdução, os objectivos, as hipóteses, a metodologia utilizada ao longo do trabalho para alcançar os objectivos ora traçados e finalmente, como o último ponto a ser tratado neste primeiro capítulo, o enquadramento teórico onde se procurará inserir o tema deste trabalho dentro do grande tema, “planeamento urbano” e ao mesmo tempo, justificar a importância deste assunto na actualidade de Moçambique.

O segundo capítulo falará da cidade de Quelimane, sua localização geográfica dentro da província da Zambézia, alguns aspectos físicos mais relevantes e que servirão para o tipo de análise que se pretende ao se realizar este trabalho, da população e sua evolução, da

organização da cidade e das infraestruturas existentes. Este capítulo servirá para se enquadrar a área de estudo que se apresentará no terceiro capítulo.

O terceiro capítulo, abordará aspectos relacionados com a localização da área de estudo dentro da cidade, com a população residente, sua evolução e ocupação profissional, seus principais problemas e prioridades, segundo os resultados do inquérito realizado e ainda as estratégias a utilizar para contornar os problemas apontados de modo a se alcançar as prioridades dessa população em estudo.

O quarto e o último capítulo abordará simplesmente as conclusões que serão feitas a partir da análise dos dados recolhidos ao longo do trabalho e particularmente dos resultados do inquérito realizado. Este capítulo terminará com a proposta do plano de reordenamento da unidade de Kansa.

1. OBJECTIVOS

Objectivo Geral:

Estudar a viabilidade de um plano de reordenamento a longo e médio prazos da unidade Kansa em coordenação com a população residente, de modo a melhorar as suas condições de vida e da população vindoura, através da melhoria das infraestruturas

existentes e da possibilidade futura de colocação de outros serviços essenciais para uma população urbana.

Objectivos específicos:

- Identificar as formas de ocupação do espaço e as infraestruturas sócio-económicas existentes para avaliar a organização actual da Unidade;
- Estudar as condições de habitabilidade ambiental e residencial existentes na unidade e formas de as modificar de modo que se vá de encontro às necessidades da população residente;
- Analisar o crescimento e as características demográficas do bairro num determinado período, para inferir uma perspectiva de crescimento da população, para que, deste modo, se possa fazer um plano mais adequado, tendo em conta a evolução demográfica;
- Avaliar as estratégias de sobrevivência por parte da população, o que ajudará a classificar a função da unidade e avaliar o estatuto social da população;
- Fazer um levantamento de prioridades da população residente, para que deste modo o plano esteja de acordo com as necessidades da população.

2. EM FORMA DE HIPÓTESE DE TRABALHO

Existem, pelo menos, duas hipóteses que podem justificar o afluxo da população para esta unidade de Kansa, resultando assim numa ocupação desordenada do espaço:

- A proximidade da unidade ao centro da cidade, vista como uma vantagem no que concerne à procura de emprego e melhores condições de vida (saúde e educação);
- A segurança que a unidade poderia oferecer aos refugiados da guerra civil.

Segundo o “Plano de Estrutura da cidade de Quelimane”, realizado pelo SPPF de Quelimane, a cidade, morfologicamente, está dividida em 2 sub áreas (veide anexo A, mapa 3), nomeadamente:

- Os pântanos salgados, sob influência das marés, que também penetra nos rios até mais de 10 km da costa,
- A faixa de dunas compridas separadas por baixas, de solo arenoso, a partir da costa até a uma distância da mesma de 10-15 Km,

O local de estudo (Unidade de Kansa), se se observar o mapa3, anexo A, localiza-se na 2ª sub área, cuja drenagem se faz com muita dificuldade, provocando inundações e permanência de áreas pantanosas, o que é pouco propício para as populações que lá

vivem e que por falta de espaço, tenham que se acomodar nestas baixas; resultando assim numa ocupação desordenada do espaço, como se pode observar no mapa 9, anexo A.

Para melhorar a organização desta unidade seria necessário fazer-se um novo atalhoamento. Deste modo, parte da população teria que ser transferida para um outro lugar de forma a desocupar as áreas baixas para o seu melhoramento.

3. METODOLOGIA

Faz-se aqui uma descrição da metodologia utilizada ao longo deste trabalho que serviu para alcançar os objectivos definidos. Referem-se também as técnicas usadas para a recolha e tratamento de informação. Para melhor organização, abordam-se em separado os: procedimentos e a análise das fontes

3.1 – Procedimentos

Os procedimentos estruturam-se em diferentes etapas ou fases, cada uma das quais procura ir ao encontro de um ou mais objectivos específicos.

1ª Fase: Escolha do tema e da área de estudo

O trabalho de pesquisa para a realização deste estudo começou com a escolha do tema que, após diversas consultas e leituras, recaiu sobre o Planeamento Urbano. Posteriormente fez-se a escolha do local de estudo; Quelimane foi a cidade eleita por ser a cidade natal da autora o que lhe dá a vantagem de possuir alguns conhecimentos locais que poderiam facilitar a realização do trabalho, uma vez que não teve qualquer financiamento para a realização do mesmo.

De forma a delimitar mais rigorosamente o espaço dentro da cidade que constituiria o objecto de estudo, fizeram-se várias consultas a instituições locais. Escolheu-se a Unidade de Kansa no 1º Bairro, porque já existia bastante informação de base, nomeadamente fotografias aéreas e cartografia básica, além do próprio Conselho Municipal manifestar interesse no estudo deste espaço urbano.

Após a escolha do tema e delimitação do objecto de estudo, fizeram-se contactos preliminares no local e recolha de informação relacionada com a área definida.

2ª fase: Preparação do projecto

Nesta etapa fez-se, primeiro, uma procura e selecção de obras relacionadas com o tema, que serviram de base teórica para o projecto. Nesta fase deve destacar-se a definição dos

objectivos, das hipóteses e da escolha de técnicas a serem utilizadas para se alcançar os objectivos previamente definidos.

Como o trabalho aborda o aspecto da distribuição da população num determinado espaço e porque o objectivo geral é estudar um plano de reordenamento da Unidade de Kansa de acordo com as necessidades dos residentes, optou-se pela realização dum inquérito como a melhor técnica a ser utilizada, o qual seria complementado por algumas entrevistas seleccionadas e observação directa.

3ª Fase: O inquérito⁽¹⁾ e as entrevistas⁽²⁾

A utilização destas duas técnicas teve como objectivo a recolha de informação actual que servisse de base para a realização do plano de reordenamento, pois o que se pretende é a satisfação das necessidades dos residentes, pelo que o seu contributo na identificação dos principais problemas e prioridades do bairro é de grande importância.

O inquérito foi dividido em duas partes: a primeira para o perfil do inquirido e a segunda para os problemas e prioridades do bairro, e compreende 26 perguntas (cerca

¹ / O inquérito é “ uma lista formal, catálogo ou inventário destinado à colecta de dados resultantes quer da observação, quer de interrogatório, cujo preenchimento é feito pelo próprio investigador, à medida que faz observações ou recebe as respostas, ou pelo pesquisado sob sua orientação”. NOGUEIRA (1968:129) in: MARCONI e LAKATOS (1985:86)

² / “ A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a colecta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema”. MARCONI e LAKATOS (1985:70)



de 15 minutos para o seu preenchimento), sendo 21 com respostas múltiplas e 5 questões abertas³). Estas últimas serviram para o inquirido ter mais abertura nas respostas e não se sentir “preso” às opções que o inquérito oferece.

Tentando que o inquérito fosse representativo, a escolha da amostra foi de 19,56 % das 2.938 famílias existentes (D.U.-CMCQ, 1996), totalizando 469 famílias inquiridas que foram escolhidas aleatoriamente. De forma a abranger toda a área, procedeu-se da seguinte forma:

- dividiu-se o bairro em 5 áreas (A,B,C,D,e E) e em cada uma delas foram colocados 2 a 3 inquiridores (11 no total); cada um dos inquiridores começou o seu trabalho em direcção oposta a do seu colega de área e quando se encontrassem, já haviam percorrido toda a área⁴);
- os inquéritos foram realizados nas manhãs de 2 sábados e 2 domingos. Escolheram-se estes dias por serem os que ofereciam mais garantias de se encontrarem as pessoas em casa;
- a cada inquiridor coube um número certo de inquéritos o que dava uma numeração ao seu critério para auto-controle do trabalho. No fim de cada jornada a autora deste estudo fazia a recolha dos inquéritos preenchidos e os por preencher .

³ / Anexo B, Formulário do inquérito.

⁴ / Anexo -A, mapa 8.

As entrevistas (⁵) (semi-estruturadas) foram dirigidas essencialmente a individualidades que estiveram ou estão relacionadas com o Conselho Municipal da Cidade de Quelimane (CMCQ), Serviços Provinciais de Planeamento Físico da Zambézia (SPPFZ) e com a Unidade. Foram 10 entrevistas no total, sendo 2 do CMCQ, 2 do SPPFZ, 2 da unidade e mais 4 pessoas que já trabalharam na Antiga Câmara Municipal de Quelimane.

4ª Fase: Digitação e análise dos dados

Para esta fase utilizou-se o pacote EPI6 para a introdução dos dados e o SPSS para as tabulações (análise estatística).

3.2 – Análise das fontes

Bibliografia

São poucas as obras que dizem respeito à cidade de Quelimane sob o aspecto de planeamento urbano. Sobre este assunto destacam-se o “Plano de estrutura da cidade de Quelimane” (SPPFZ,1985) e um outro trabalho similar a este que trata essencialmente de aspectos técnicos, que é o “Plano de Reordenamento e Melhoramento do Kansa-Quelimane” (SPPFZ-1987).

⁵ / Anexo D, Guião de entrevista.

A partir destes dois trabalhos obtiveram-se mapas referentes tanto à cidade como à própria unidade, aspectos relacionados com a limitação e localização da área de estudo e também os aspectos físicos. Importa referir ainda que os dados recolhidos nos dois trabalhos acima mencionados estão desactualizados em cerca de 10 anos.

Sobre o tema de Planeamento Urbano à escala mundial, existe uma vasta bibliografia donde se destacam obras, como: Urbanismo Contemporâneo (MAUSBACH,H., 1977); Manual de geografia urbana (SANTOS,M., 1981), essencialmente os capítulos que fazem referência à Urbanização e as Cidades dos países subdesenvolvidos; Introdução ao Planeamento Urbano (MENDES, M.C.,1993), donde se recolheram os conceitos e categorias de planeamento urbano; Geografia dos Povoamentos: Uma análise geográfica dos assentamentos humanos rurais e urbanos (ARAUJO,M.1997), onde se destacam os capítulos que falam sobre o povoamento urbano (estruturas das cidades, funções urbanas, classificação das cidades) e de povoamento urbano em África (as cidades da África subsahariana, processo de urbanização em África e gestão urbana e a questão fundiária). Estas obras serviram para ter uma base teórico-conceptual do assunto tratado no presente trabalho.

Entrevistas

Devido à pouca informação existente sobre a cidade de Quelimane entrevistaram-se individualidades que, à partida, tivessem algum conhecimento da história da cidade, de forma a complementar os dados retirados em certos artigos elaborados pelo CMCQ por

ocasião do dia da cidade. Neste ponto destacam-se as entrevistas 1 e 2 do anexo D. A aplicação desta técnica teve o objectivo de procurar informação qualitativa que complementasse os resultados do inquérito.

Partindo do princípio que o inquérito apenas nos daria informação da população que sofre directamente as consequências do desordenamento do espaço que habita, seria necessário ouvir a parte que detém o poder de resolução dos problemas (o CMCQ e os SPPF), para obter algumas opiniões de resolução da questão do desordenamento da unidade. Sobre este aspecto destacam-se as entrevistas com o Presidente do CMCQ e com o Chefe dos serviços da Direcção de Urbanização (D.U.), que foram bastante receptivos.

Dados do inquérito

O objectivo central do inquérito foi a recolha de informação que de partida serviria de base para a elaboração do plano de reordenamento do bairro.

O inquérito foi dirigido à população residente, 469 famílias (cerca de 20% do total) escolhidas aleatoriamente. Com ele recolheram-se dados que dizem respeito a organização, infraestruturas existentes, principais problemas e prioridades da unidade espacial em estudo.

As respostas foram dadas pelo chefe da família (148 Mulheres e 321 Homens) e na sua ausência pelo cônjuge ou então pela pessoa mais velha que estivesse no momento do inquérito. Deste modo, existem opiniões variadas vindas de homens, mulheres e jovens com 18 ou mais anos. Mas o facto de ser apenas uma única pessoa a responder por todos os membros da família, teve certos problemas de qualidade de informação, como por exemplo na declaração de idades e profissão do resto da família.

A última pergunta do inquérito “Gostaria de ir viver noutra lugar?”, teve também problemas de qualidade, pois a maioria dos inquiridos tinham receio em responder afirmativamente, por pensarem que assim estariam sujeitos a serem transferidos do lugar; por isso não é de estranhar que 82.6% dos inquiridos tenham respondido negativamente e apenas 17.4% disseram que gostariam de ir morar noutra lugar.

Por tudo isto, e porque as respostas são resultado da situação de momento, os valores resultantes do inquérito devem apenas ser usados como referência.

4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“A necessidade de intervir na cidade para o planeamento, só surge quando se verificar problemas para se resolver” MENDES, M. C., numa aula de introdução ao Planeamento Urbano, 1995.

A bibliografia sobre planeamento urbano e geografia urbana é muito vasta a nível mundial e para África já começam a ser bastante numerosos os trabalhos e estudos publicados. O mesmo não se passa, infelizmente, para Moçambique.

A autora deste trabalho apenas teve possibilidade de consultar um número limitado de obras existentes, mas que, no entanto, permitiram o enquadramento teórico do presente estudo.

O que se pretende neste sub-capítulo é mostrar um breve historial da evolução da urbanização em África no geral e especificamente em Moçambique. Para assim se justificar a necessidade duma intervenção ao nível das cidades.

“ Os estudos de geografia urbana das cidades africanas iniciaram-se bastante tarde (a partir dos anos 50 do presente século), porque se considerou, durante muito tempo, que este fenómeno é, fundamentalmente, inerente ao processo de colonização e de penetração do capital mercantil em África. Diversos estudos recentemente realizados

revelam que isto não é verdade, pois se encontram diversos e variados indícios de espaços urbanos vindos dos séculos X e XI.” (ARAÚJO, M., 1997:107).

Segundo DNP-UPP (1997: 15), em 1950 a população mundial que vivia nas áreas urbanas era de 29,3%, mas os níveis de urbanização variavam, sendo o máximo de 63,9% na América do Norte e o mínimo de 14,7% em África. Depois de 45 anos, a população mundial urbana aumentou para 45,2%, tendo África alcançado 34,4%.

Ainda segundo a mesma fonte, África teve um rápido processo de urbanização, comparando à América do Norte que detém o nível máximo de urbanização (76,3%-1995). De 1950 a 1995, a relação de urbanização entre as duas regiões variou da seguinte maneira: em “1950, o nível de urbanização de África era de 23 % do nível de América do Norte e pouco mais de metade do nível mundial, enquanto que em 1995 foi 45% do nível norteamericano e mais de três quartos do nível mundial” (DNP-UPP,1997:15). Este rápido processo de urbanização é determinado “pelas altas taxas de crescimento natural nas áreas urbanas, pela intensificação da migração campo-cidade e pela reclassificação de áreas rurais em urbanas” (ARAÚJO,M., 1997:135).

A “explosão” urbana em África, deve-se essencialmente às grandes cidades, como diz ARAÚJO,M. (1997:108) :“ As grandes cidades da África Subsahariana, em particular as capitais, devido ao seu crescimento espectacular, foram durante muito tempo, o centro quase exclusivo da preocupação da investigação urbana desta região. Estes estudos

procuravam definir um modelo geral de urbanização⁽⁶⁾ em que as grandes cidades se apresentavam com um elevado grau de primazia (...). As preocupações suscitadas pela “explosão” urbana e o crescimento “exponencial” de grandes aglomerações como Dakar, Abidjan, Lagos, Kinshasa e Nairobi, deram origem a algumas situações de verdadeira angústia muito propalada pelos órgãos de comunicação social”.

“ Para melhor orientar a vaga da urbanização cada vez mais intensa e para se estar prevenido para explosões previsíveis nas grandes aglomerações, diversos estudiosos, planificadores e gestores preconizam que a solução deve ser procurada ao nível das pequenas e médias cidades, secundárias ou intermediárias de acordo com as nomenclaturas utilizadas” (ARAÚJO, M., 1997:108).

Porque, como diz MAUSBACK, H.,(1977:24) : “ As causas dos problemas urbanos, muitas vezes irremediáveis actualmente, provêm da ausência de um planeamento a longo prazo” .

Segundo, DNP-UPP,1997:15, nos anos 50, Moçambique era um país quase totalmente rural, o seu nível de urbanização tão pouco atingia um quinto do nível médio de África (29,3%). Actualmente, o processo de urbanização moçambicano tem sido muito rápido, comparado ao africano, podendo-se classificar como “explosivo”, “estimativas feitas

⁶ / “ H. Tisdale (1942) definiu urbanização como, um processo de concentração da população, que tem lugar de duas maneiras; a multiplicação dos pontos de concentração e aumento do tamanho destes pontos(...)Consistente com esta definição de urbanização, as cidades podem ser definidas como pontos de concentração(...) e é conveniente, de quando em quando, indicar, arbitrariamente, os níveis a partir dos quais uma concentração é considerada cidade” (DNP-UPP,1996:9)

pelas Nações Unidas para 1990, Moçambique tem um nível de urbanização de 26,8%” (United Nations, 1995 in: DNP-UPP,1997:15).

Actualmente, Moçambique define como áreas urbanas , as cidades e vilas, fazendo assim 23 cidades e 68 vilas (DNP-UPP,1997:33), utilizando a seguinte nomenclatura:

Existem “cidades de nível “A” onde apenas se inclui a capital do país; de nível “B” são as cidades de Beira e de Nampula que, sendo capitais provinciais, têm um papel preponderante no desenvolvimento regional interno e na realização de programas de cooperação regional de carácter internacional. Atribui-se o nível “C” às demais cidades capitais provinciais e as cidades cuja dimensão histórico-cultural, nacional e universal, bem como a importância económica e as comunicações, têm interesse nacional e na cooperação regional. São cidades de nível “D” os demais centros urbanos do país cujo grau de desenvolvimento os caracteriza como cidades e assumem um papel de relevo no desenvolvimento local.” (Decreto nº 7/87 in: DNP-UPP,1996:33).

Deste modo, as cidades de Moçambique, segundo as classificações indicadas no parágrafo anterior, são as seguintes:

1. “De nível A : a cidade de Maputo.
2. De nível B : as cidades de Beira e Nampula
3. De nível C: as cidades de Chimoio, Nacla, Quelimane, Inhambane, Lichinga, Pemba, tete, Xai-Xai, Ilha de Moçambique e Matola.

4. De nível D: as cidades de Angoche, Cuamba, Chibuto, Chókué, Dondo, Gurué, Manica, Maxixe, Mocuba e Montepuez.” (Decreto nº 7/87 in: DNP-UPP, 1996:33).

Pelo carácter dinâmico que as cidades têm em Moçambique , estas “experimentam um crescimento rápido da população devido às precárias condições de vida no campo, donde a estrutura agrária sem tecnologia “expulsa” a população para as zonas urbanas” (ARNALDO,C., 1996:4), por sua vez, “este aumento da população nas cidades não é acompanhado pelo desenvolvimento urbano, tornando cada vez mais graves os problemas que se põem ao desenvolvimento” (ARAÚJO,M., 1990:81 in: ARNALDO,C., 1996:2).

Como diz MENDES,M. C , (1993) “A necessidade de controlar as alterações humanas” no espaço leva que se faça um planeamento porque, o “espaço, capital e recursos humanos estão sempre interligados”; não há como planear estes 3 itens em separado e muitas das vezes esta alterações humanas advêm de factores externos que influenciam no comportamento humano, factores estes relacionados com a “ demografia, economia, estilos de vida, os investimentos e ambientes” que com o tempo se vão alterando e tomando um novo rumo de orientação que ao chegar ao ponto máximo, verificar-se-á que sem um planeamento dessa orientação, tudo estará num caos. Para se evitar esse caos, é necessário planear o desenvolvimento.

Segundo MENDES, M.C (1993), existem as 3 seguintes categorias de planeamento:

Planeamento Sectorial – planeamento económico e planeamento social. O planeamento económico como forma de calcular e controlar a distribuição dos recursos, de forma a permitir o funcionamento do mercado. O planeamento social como forma de organização dos recursos de forma a combater problemas como a pobreza, a discriminação, a segregação, etc.

Planeamento espacial – é a melhor resposta possível, do ponto de vista geográfico e económico, às mudanças sociais. Expressão política para a distribuição dos recursos por unidades espaciais, sectores públicos e privado e grupos sociais. Escalas: nacional, regional, local. Congrega objectivos espaciais, económicos, sociais e ambientais.

Planeamento Urbano – uma das formas de planeamento local. “Planear, integrando a componente espacial (geográfico) em que o objectivo geral é a definição de uma estrutura espacial das actividades (uso do solo) e que, em princípio deverá ser diferente da existente” (HALL, 1987 in: MENDES, M.C., 1993).

Por sua vez, o planeamento urbano tem os seus níveis de intervenção que resultam nos seguintes planos:

Planos directores, que abrangem áreas à escala municipal, geralmente compreendem as regiões urbanas e também rurais, correspondendo assim a uma vasta área de intervenção.

Planos parciais, onde a sua área de intervenção corresponde a bairros ou a áreas bem limitadas das cidades.

Planos especiais, que se dedicam a melhorar certas partes da cidade, como por exemplo, os bairros clandestinos, colocando nestes locais infraestruturas como: luz, água, posto de saúde etc.

E porque, como diz ARAUJO, M. (1997:61), “a unidade de base da vida urbana é o bairro”, porque não tentar solucionar a problemática da falta de planeamento que afecta o crescimento das cidades, especificamente a cidade de Quelimane cujo plano director data de 1940 (CMCQ,DU), começando pelo reordenamento dos bairros? Com o andar do tempo, resultará num conjunto de pequenos planos que poderão, quando estudados e sintetizados, resultar num único plano director da cidade.

De acordo com esta linha de pensamento, este trabalho servirá como um modesto contributo na tentativa de resolução duma parte dos problemas existentes na cidade de Quelimane, cuja maior limitação na elaboração de trabalhos de pesquisa, nas mais variadas disciplinas, é a falta de informação recente.

CAPÍTULO II

A CIDADE DE QUELIMANE

1. LIMITES E LOCALIZAÇÃO

A cidade de Quelimane, capital da província da Zambézia, fica situada no Sudeste da província, a cerca de 6 milhas da costa, no estuário do rio dos Bons Sinais, entre as coordenadas de 17° 47' - 17° 57' Sul e 36° 50' - 36° 57' Este (C.M.C.Q., 1997:1).

Mapa 1, anexo A.

Esta cidade ocupa uma área de 117 km² (C.M.C.Q, 1997:1), cujos limites são os seguintes:

Norte - Localidade Chigava;

Oeste - Localidade de Namacata;

Este - Localidade da Madal e

Sul - rio dos Bons Sinais.

2. BREVE RESUMO HISTÓRICO DA CIDADE

1498-1942, ano de elevação à categoria de cidade.

Em 1498, o navegador português Vasco da Gama terá chegado a este local pelo rio que chamou de Bons Sinais. Diz-se que Gama foi recebido e acolhido pela Rainha Chuabo, dona das terras que se estendiam junto ao rio Cua-cua (antigo nome do rio Bons Sinais). Esta ao ver aproximar o visitante mandou os seus súbitos limparem um espaço para o navegador se acomodar dizendo: Khalimani – Khalimani; daí que surge o nome de Quelimane para esta região (C.M.C.Q, 1981:2).

Segundo CABRAL, A.(1975:134), esta versão da origem do nome “não passa de pura fantasia”, porque existem outras versões mais “aceitáveis”, tal como: “ Quando os primeiros portugueses desembarcaram no porto que mais tarde se denominou Quelimane, o chefe da povoação que ali existia, árabe ou seu descendente, serviu de intérprete entre os portugueses e os indígenas, no árabe corrompido que se falava na costa; a palavra “kaliman” significa intérprete.” (A. Augusto Pereira Cabral, 1924 in: CABRAL, A., 1975: 134).

As primeiras construções datam de 1544, edificadas aproximadamente a 6 milhas da barra do rio dos Bons Sinais, e constavam duma feitoria, uma fortaleza e um centro de recolha de escravos. Deduz-se então que foi neste local que nasceu a cidade de Quelimane (C.M.C.Q, 1997: 1).

Em 9 de Maio de 1761 a povoação de Quelimane foi elevada a vila (conhecida como a Vila de São Martinho), tendo já uma população de 2.769 indivíduos de todas as raças e os principais edifícios eram: a residência do Governo, sede da companhia Boror, Hospital, Catedral velha, Quartel, Companhia da Zambézia (que teve grande importância para o desenvolvimento da região, pois fazia a emissão de selos e cobrava)⁽⁷⁾, Arsenal, três escolas, Missão Coalane, Caminhos de Ferro, Chuabo Dembe e o Muro da Marginal (CECQ,1988:3). Ainda nos meados deste século, a vila é beneficiada de alguns edifícios novos, o hospital, uma ponte cais e uma fábrica de telhas (C.E.C.Q, 1989).

Nos princípios de 1800 transitavam por Quelimane, através do seu porto, escravos, marfim e ouro e só em 1840 surge o tráfego de oleogenosas (copra, cerca de 8 toneladas, nesse ano). Em 1806 registou-se uma exportação anual de ouro equivalente a 15 Kg (CECQ,1989).

Fazendo referência ainda ao o porto de Quelimane, “ o comércio de importação e exportação dos Rios de Sena concentrava-se na sua totalidade em Quelimane, a 6 léguas terra adentro, junto dum braço do Zambeze. Era tão difícil passar a barra deste porto, que estava prescrito civil e religiosamente para todo o cristão, que comungasse antes de abandonar o cais(..).A dificuldade de penetrar no porto constituia de certo modo uma defesa natural” (CABRAL, A.1975:136).

Com o constante crescimento da vila, que passa a ter direito à sua câmara em 1761, constrói-se o primeiro edifício da Câmara Municipal em 1857, que depois sofre várias

⁷/ Entrevista 3, ADnexo--

reconstruções e adaptações, até resultar o que é hoje o Conselho Municipal da Cidade de Quelimane. (CECQ, 1989).

Outro facto importante a destacar na história desta cidade é a exploração da linha férrea, que foi aberta por volta de Julho de 1901 e atravessava dois prazos. Hoje em dia restam, desta linha, apenas alguns carris que servem de suportes de vedações ou de postos de linha telefónica que liga a cidade à localidade de Maquival. Construiu-se uma outra linha férrea ligando duas cidades, Quelimane e Mocuba em 1922, com o objectivo de fornecer medicamentos para uso privativo das autoridades coloniais. (CECQ, 1989).

A 21 de Agosto de 1942, a vila de Quelimane foi elevada a cidade, pela Portaria do gabinete do Ministro do Ultramar nº1, sendo o Ministro, Dr. Francisco Vieira Machado, na altura era governador da Zambézia o Capitão Armando Eduardo Pinto Correia (B.O. nº 32/42 – Suplemento, anexo de CECQ, 1988).

3. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

A cidade de Quelimane localiza-se na planície costeira moçambicana, com altitudes inferiores a 100m. Morfologicamente, a cidade divide-se em 2 sub-áreas:

os pântanos salgados, que são influenciados pela maré, que também penetra nos rios, tornando as águas salobras, e que se estende desde a costa até cerca de 10 Km para o interior (SPPFZ, 1985);

a faixa das dunas compridas separadas por baixas, que se estendem a partir da costa até a uma distância de 10 a 15 Km para o interior, onde abundam solos arenosos. Segundo BUNTING, B. (1971:147), os solos sobre dunas são delgados e cinzentos, em consequência da rápida descalcificação, nos climas húmidos e são solos pouco desenvolvidos possuindo apenas os horizontes A e C. É sobre as dunas que se constroem as habitações, plantam-se coqueiros e nas baixas cultiva-se o arroz ou então são aproveitadas para a abertura de valas de drenagem (SPPFZ, 1985).

Como já se referiu anteriormente, o local de estudo, Unidade de Kansa, morfológicamente, localiza-se numa área onde predominam dunas de areias, intercaladas por baixas. Se se observar o Mapa 9, Anexo A, a localização destas baixas coincidem com algumas construções e vias de acesso à Unidade. Segundo SPPFZ (1987), esta Unidade possui um nível freático elevado, chegando a atingir 1m ou 0,5m que por sua

vez dificultam a construção de latrinas. Na época chuvosa, as águas não têm possibilidade de drenagem, acumulando-se nas baixas. Consequentemente, as águas estagnadas conduzem ao surgimento de pragas, mosquitos e ratos, que levam ao aparecimento de doenças como a malária.

Segundo vários documentos como o plano de estrutura e relatórios da Direcção Provincial de Agricultura, Quelimane é uma cidade com um **clima tropical húmido**.

Dum estudo efectuado há cerca de 5 anos atrás, quando se construiu o porto pesqueiro em Quelimane, (Projecto de estabelecimento de estaleiros para conserto de barcos pesqueiros em Moçambique, Japan International Cooperation Agency-Secretaria de Estado das Pescas, 1992), obtiveram-se dados relacionados a 10 anos (1982-1991) que dizem respeito às condições meteorológicas como: a direcção e velocidade do vento, temperatura, índice pluviométrico e humidade relativa.

A direcção do vento mais frequente é do Sul (cerca de 27% dos casos registados), seguindo-se o de Sudeste com cerca de 22% e cerca de 30% não houve vento. A velocidade do vento é normalmente baixa, cerca de 56% os ventos tinham uma velocidade inferior ou igual a 4,9 metros/segundo e cerca de 23% não se registou vento. Duma maneira geral, cerca de 79% dos casos, os ventos não superaram aos 4,9 metros/segundo.

No mês de Dezembro é quando se registam as temperaturas mais elevadas, chegando a atingir 33,4°C. Por sua vez a temperatura mínima foi registada em Julho com cerca de

14,8°C. A temperatura média anual é de 25 °C, o que faz com que seja uma cidade geralmente quente com uma humidade muito acentuada, como pode observar na Tabela 1.

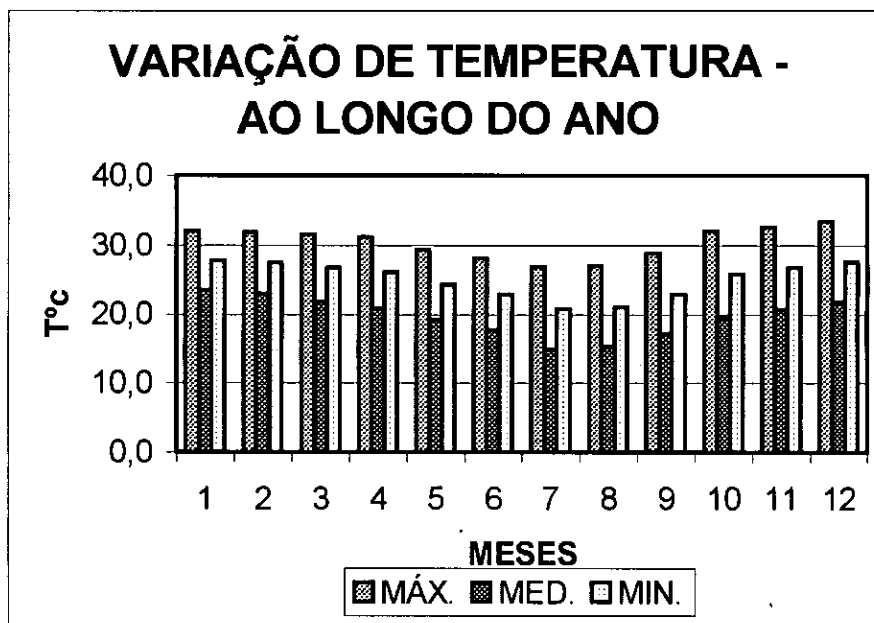
**TABELA 1: VARIAÇÃO DA TEMPERATURA MÉDIA MENSAL
AO LONGO DO ANO**

VALORES	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	MÉDI
MÁX.	32,0	31,9	31,6	31,2	29,3	28,1	26,8	27,0	28,8	32,0	32,6	33,4	30,
MED.	23,4	23,0	21,9	20,8	19,2	17,7	14,8	15,2	17,2	19,5	20,7	21,7	19,
MIN.	27,7	27,5	26,7	26,0	24,3	22,9	20,8	21,1	22,9	25,8	26,7	27,6	2

Fonte: Estação Meteorológica, Aeroporto de Quelimane, 1991.

O gráfico 1 permite uma melhor visualização da variação das temperaturas médias mensais ao longo do ano.

GRÁFICO 1



Fonte: Estação Meteorológica, Aeroporto de Quelimane, 1991.

Dos registos efectuados durante os dez anos verifica-se que o volume total anual de precipitação é de cerca de 1350 mm. O nível médio mais alto de pluviosidade registou-se em Janeiro (cerca de 268 mm) e o mais baixo em Setembro (cerca 20 mm). A amplitude da humidade relativa varia entre 65 a 85% durante o ano, sendo mais elevada durante o verão e menos alta durante os meses mais frios (cerca de 3 meses apenas, Maio-Julho). (Tabela 2 e gráfico 2).

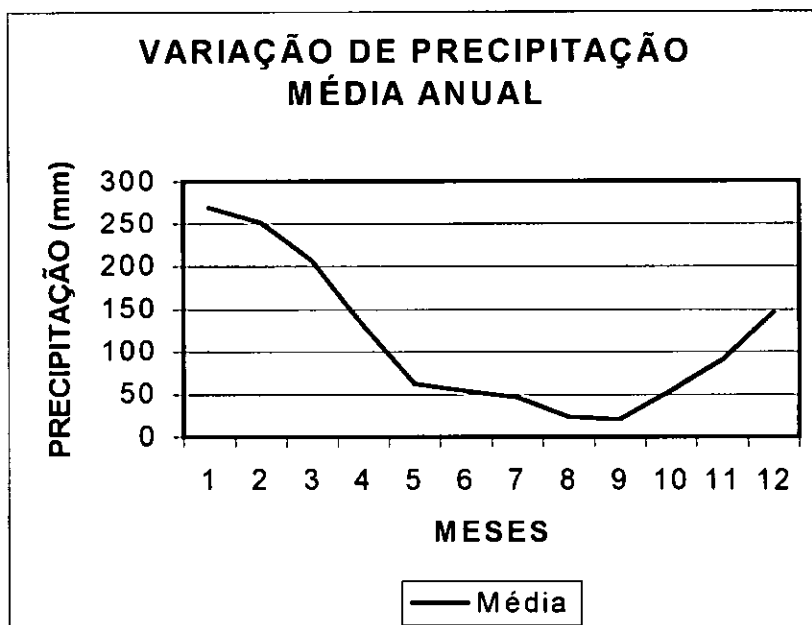
TABELA 2: VARIAÇÃO DA PRECIPITAÇÃO MÉDIA MENSAL

1982-1991

	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
1982	483,1	245,1	23,4	171,2	50,8	26,6	62,8	23,4	86,8	159,4	49,6	112,7	1494,9
1983	86,6	193,8	140,7	32,9	60,9	20,4	95,7	47,1	0,6	29,5	8,4	150,7	867,3
1984	403,4	341,6	365,0	88,5	113,1	73,8	41,1	29,3	0,2	73,1	237,1	71,0	1837,2
1985	252,4	195,9	104,0	218	54,8	42,5	14,0	29,7	1,9	74,2	140,3	206,0	1333,7
1986	385,7	289,0	337,2	269,9	47,8	44,5	59,9	1,0	4,3	105,5	12,3	189,0	1746,1
1987	279,9	96,8	160,2	93,2	35,5	52,9	10,8	9,4	6,6	20,2	12,4	44,8	822,7
1988	217,7	293,2	239,9	92,5	29,8	59,2	73,2	24,6	1,9	32,6	104,2	254,5	1423,3
1989	150,8	410,8	357,2	100,1	37,9	72,7	31,0	2,8	18,7	35,9	178,5	281,1	1677,5
1990	272,5	127,7	43,2	56,4	163,3	96,6	22,1	46,8	19,6	2,5	70,6	78,7	1000,0
1991	149,3	315,6	291,7	178,3	29,0	41,9	52,2	19,0	59,5	0	83,0	73,2	1292,7
Média	268,1	251,0	206,3	130,1	62,3	53,1	46,3	23,3	20,0	53,3	89,6	146,2	1349,5

Fonte: Estação Meteorológica, Aeroporto de Quelimane, 1991.

GRAFICO 2



Fonte: Estação Metereológica, Aeroporto de Quelimane, 1991.

4. USO DOS SOLOS

Se se observar o mapa 4, anexo A, notam-se nitidamente 7 tipos distintos de uso do solo, a saber:

- o mangal que se estende nas áreas junto ao rio dos Bons Sinais;
- as salinas que são feitas também ao longo deste rio, o que implica o abate de inúmeras árvores que compõem o mangal para dar lugar às salinas. Note-se que o mapa em anexo teve como base, fotografias aéreas de 1985; actualmente estas áreas de mangais encontram-se reduzidas para metade;

- **as áreas baixas sem utilização** (1985), espalhadas por toda a região e que actualmente são aproveitadas para o plantio de arroz, principalmente nas áreas em redor do aeroporto;

- **a área de pastagens**, que se confunde com as três áreas seguintes,

- **áreas de dunas com produção familiar de coqueiro**, que se encontram um pouco por todo o terreno, e que actualmente está reduzida dando lugar a novas habitações, dado a evolução populacional da cidade;

- **área de dunas com produção de coqueiro pertencentes a companhias**, que se estendem ao longo das principais avenidas;

- **área onde se ergue a cidade cimento.**

5. POPULAÇÃO

A cidade de Quelimane, em 1980 possuía 60.402 habitantes, sendo 32.896 homens e 27.506 mulheres que se agrupavam em 14.126 agregados familiares (Censo 1980. CNP), o que resulta numa média de 4,27 pessoas por agregado. (Tabela 3).

**TABELA 3: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE QUELIMANE
ENTRE 1980 E 1991**

	1980	1991
Homens	32.896	74.345
Mulheres	27.506	71.053
Total	60.402	145.398
Agregado familiares	14.126	28.204

Fonte: CNP-DNE,1991.

Em 1980 a dimensão média dos agregados familiares era de 4,27, enquanto em 1991 a média cresceu para 5,16 pessoas por agregado familiar.

A população da cidade de Quelimane, entre 1980 à 1991, observou um aumento absoluto de 84.996 habitantes, distribuídos por um território de 117 Km² (INPF,1980:3), o que resulta numa densidade populacional de aproximadamente 726,5 habitante/Km².

Quelimane, é uma cidade que foi projectada para 30.000 habitantes, e em 1991 já contava com cerca de 115.000 habitantes “a mais” e o não acompanhamento, em paralelo, das principais infraestruturas sociais leva à degradação da cidade (⁸).

Esta cidade está dividida em 5 bairros (mapa 1, anexo A): 1º Bairro, dividido em 11 unidades; 2º Bairro em 6 Unidades; 3º Bairro em 8 Unidades; 4º Bairro em 5 Unidades e o 5º Bairro em 6 Unidades, totalizando assim, 36 Unidades. (Tabela 4).

**TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE QUELIMANE
POR BAIROS - (1980)**

Bairro	Nº de famílias	Nº de hab.	Homens	Mulheres
1º	4.967	21.559	12.728	8.831
2º	2.259	9.880	4.989	4.891
3º	2.574	11.010	5.830	5.180
4º	3.164	13.107	6.394	6.173
5º	1.159	4.846	2.415	2.431
Total	14.126	60.402	32.896	27506

Fonte: INPF, 1985:12

Observando os dados da tabela 4, nota-se que o bairro mais populoso é o 1º, onde se situa a área de estudo, cerca de 56% da população reside neste bairro que também possui mais unidades (11 no total). Consequentemente, a probabilidade de albergar mais pessoas é maior.

⁸/ Entrevista 7, Anexo--

A cidade apresenta uma malha ortogonal (⁹), cujo desenvolvimento está orientada no sentido sul-norte, pois o limite sul actua como uma barreira, tratando-se dum rio (Bons Sinais).

6. INFRAESTRUTURAS DA CIDADE⁽¹⁰⁾

Saúde - Existem 2 hospitais, 3 postos de saúde, uma farmácia. (Mapa 5, anexo A).

Educação - A cidade em 1985, contava com: 1 Centro infantil, 8 Escolas primárias, 4 Escolas secundárias e 5 Lares de Estudantes. Actualmente, o equipamento escolar aumentou, conforme se pode ver na tabela 5.

**TABELA 5: EQUIPAMENTO ESCOLAR – CIDADE DE QUELIMANE
1996/1997**

Escolas	Nº total	Nº de turmas	Nº estudantes Matric.	Nº de professores
EP1	22	501	22625	592
EP2	6	52	2877	71
Secundárias	1	30	1706	45
Técnicas	6	17	772	22

Fonte: Ministério de Educação, Direcção Provincial de Educação – Quelimane, 1997.

⁹Fundada pelos romanos, estes tipos de malhas são prevaescentes nas cidades novas, neste tipo de malha, existe sempre um factor de diferenciação: o Relevo ou a orientação das linhas de água Que. levam a orientar de forma diferente a quadrícula dos diversos bairros (Texto de apoio elaborado por ARAÚJO, M., 1995)

¹⁰ Os dados para este subcapítulo foram retirados do Plano de Estrutura da cidade de Quelimane, INPF, 1985 e actualizados.

De acordo com a tabela acima indicada, a cidade beneficiou de um aumento do equipamento escolar bastante significativo, pois, em 1985 só existiam 8 escolas primárias, enquanto que em 1996 este número aumentou para 22, este é o caso mais relevante em relação a escolas de outros níveis.

Electricidade - A cidade de Quelimane é abastecida com energia eléctrica de Cahora - Bassa, linha Centro Norte, desde Agosto de 1983, cuja subestação fornecedora localiza-se a 20 Km da cidade .

Abastecimento de Água – Que é feita a partir do Rio Licuari localizado aproximadamente a 50 Km da urbe. A água é tratada através da decantação e filtração, cloração e adição de sulfato, alumínio, cal e amónio, tornando-a assim mais propícia para o consumo., e só depois é bombada para a cidade através duma conduta de 350 mm de diâmetro e com a capacidade de 190 m³/hora que é acumulada num reservatório elevado a 26 m, cuja capacidade de armazenagem é de 350 m³ e depois é distribuída por gravidade pela cidade.

Saneamento (mapa 7, anexo A) - A cidade comporta um sistema de esgotos misto, isto quer dizer, que suporta juntamente águas brancas (da chuva) e águas negras (fossas cépticas) que vão ser depositadas no rio dos Bons Sinais. Este sistema de esgotos está desactualizado e faz com que na altura das chuvas a cidade fique com um aspecto deplorável ⁽¹¹⁾.

¹¹ / Anexo D, Entrevista 7.

Segundo a entrevista 7, anexo D, os principais problemas na gestão da cidade estão relacionados com o aumento da população, sem que fossem acompanhadas pelo desenvolvimento de, principalmente, infraestruturas sociais, agravada ainda pela transferência da população rural para a cidade, devido a guerra, que teve bastante influência no deficiente funcionamento da reduzida capacidade de infraestruturas que a cidade possui.

Comércio e indústria (mapa 6, anexo A)- Quelimane é uma cidade que sempre se desenvolveu ao lado do comércio (Entrevista 3 , anexo D). Como se pode observar no mapa indicado, há uma maior concentração de estabelecimentos comerciais, na parte sul da cidade, portanto no 1º bairro. As indústrias tendem a surgir ao redor da cidade com uma maior concentração na parte oeste, próximas a linha férrea que liga à cidade de Mocuba, deste modo existe uma maior economia de tempo e de custos de transporte no escoamento de produtos destas indústrias.

Como se pode verificar nos diversos mapas mencionados nos parágrafos anteriores, há uma maior incidência de infraestruturas no 1º bairro, o que faz com que seja um bairro privilegiado e conseqüentemente o mais concorrido e procurado pela população.

CAPÍTULO III

UNIDADE DE KANSA

1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

1.1 - Localização e limites

Como se referiu anteriormente, a cidade de Quelimane organiza-se em cinco bairros, nomeadamente: 1º, 2º, 3º, 4º e o 5º bairro. A unidade de Kansa, local de estudo, está localizada no 1º bairro. Este encontra-se situado ao sul da cidade, cujos limites são os seguintes: Norte encontra-se o 3º bairro, a Este o 2º bairro, ao Sul está o rio dos Bons Sinais e a Oeste o 4º bairro. Este bairro está dividido em 11 unidades, sendo uma delas, a Unidade Kansa (mapa 2, anexo A).

A unidade de Kansa, localiza-se ao Norte do 1º bairro (mapa 2, anexo A), abrangendo uma área total de 32,5 hectares, ocupadas na sua maioria por habitações e outras construções (16,5 hectares) e os restantes 6 hectares por equipamento escolar (mapa 9, anexo A). Está limitada por:

Norte - Avenida da Liberdade

Nordeste - pelo "bairro" Piloto

Este - Avenida Heróis de Libertação Nacional

Sul - Avenida 25 de Junho

Oeste - Avenida Eduardo Mondlane

1.2 – Breve resumo histórico

Os aspectos tratados neste ponto foram extraídos de fontes orais, em particular com base numa entrevista com um dos herdeiros da propriedade onde hoje é a Unidade de Kansa.⁽¹²⁾

Antes da independência, quando a cidade ainda era a Vila de São Martinho (1761-1900), esta unidade ainda não estava delimitada, e toda a área se chamava Mapiazua. Era um grande palmar, quando em 1908, a primeira proprietária morreu, deixando o seu filho como herdeiro, que mais tarde veio a criar gado, que pastava por estas terras. Nessa altura apareceram as primeiras construções de madeira e zinco.

Em 1931 morre o herdeiro deixando a terra repartida pelos três filhos, e cada um deu o seu destino às terras, ora parcelando e cedendo a quem queria um pedaço de terra, ou então vendendo a outros que estivessem interessados.

Por volta da década 30/40 a cidade precisou de mais espaço; por isso a Câmara foi comprando terrenos aos proprietários, pagando 2.000 escudos por hectare. Foi assim que começaram a ser delineadas as primeiras ruas que hoje são as avenidas que servem de limites a esta Unidade.

^{12/} Entrevista nº 6, Anexo D.

Depois da independência houve uma nova organização da cidade, e esta unidade passa a ter o nome de Kansa. Este nome deve-se a um antigo comerciante, que tinha a sua loja nesta Unidade.

No início da década 80 os SPPFZ desenham um plano de ordenamento desta unidade, utilizando para tal os resultados do Censo Populacional de 1980. Com esta tentativa de ordenamento da Unidade houve a necessidade de transferência duma parte da população para um outro local, previamente planeado (Sangariveira), localizado a cerca de 10 Km do centro da cidade (¹³). A título de experiência ordena-se apenas um canto da Unidade (O Bairro Piloto), mapa 9, anexo A, onde se delimitaram os quarteirões e desenharam-se ruas.

Mais tarde, esta parte ordenada, deixa de pertencer à Unidade reduzindo assim a área da Unidade de 37,5 hac. para 32,5 hac.

¹³/ Anexo D, Entrevista nº 9.

1.3- População

Em 1987 houve um trabalho similar a este, elaborado pelo SPPFZ, que refere a existência de 2739 habitantes nesta Unidade agrupadas em 455 famílias, o que resulta numa dimensão de 6 pessoas por família. O mesmo documento faz referência que, segundo o Plano de Estrutura de 1985, a densidade populacional adequada para a cidade inteira, era de 20 famílias/hectar. Já nessa altura a Unidade contava com aproximadamente de 30 famílias/hectar.

Cerca de 10 anos depois (1996) a mesma unidade contava com 2.398 famílias (CMCQ-DU), ditribuídas por 16,5 hac., o que resulta numa densidade de 145 famílias/hectares, portanto um excesso de 125 famílias acima da densidade cosiderada para a cidade.

A falta de informação que diz respeito, essencialmente, à unidade em estudo, pois só houve a oportunidade de se obter dados absolutos da população, indicados nos parágrafos anteriores, levou com que se utilizassem apenas os dados (mais detalhados) recolhidos a partir do inquérito realizado no campo que cobriu aproximadamente 20% das 2.398 famílias existentes em 1996, (Tabela 6).

TABELA 6: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO INQUIRIDA POR SEXO

Famílias inqueridas	% do total	Homens	Mulheres	Razão sexo	Total	Pessoas/familia
469	19,56	1.166	1.021	1,14	2.187	4,66

Fonte: Inquérito na Unidade de Kansa, 1997.

A tabela acima indicada, refere a população total registada no inquérito. No entanto, como o inquérito foi dirigido aos chefes de família, importa dizer que se obteve resultados que mostram a existencia de mais chefes de família do sexo masculino que do sexo feminino, portanto 321 homens e 148 mulheres, estas por sua vez são na maioria “sozinhas”, divorciadas ou viúvas que têm que trabalhar para sustentarem os seus.

A idade média dos chefes de família é de 35.8 anos para as mulheres e 40.7 anos para os homens. Para os membros do agregado familiar as idades médias para as mulheres é 21.1 anos e para os homens 17.15 anos. Como se pode verificar, trata-se duma população jovem cuja idade média de toda a população inquerida é de 29,2 anos. (Anexo C).

Os resultados do inquérito mostram ainda que existem 714 pessoas, ou seja 32,65 % da população inquerida, pertencentes ao grupo etário de 0 aos 14 anos. Se se considerar uma dimensão familiar de, aproximadamente, 5 pessoas (tabela 6), então pelo menos duas são jovens entre os 0 e os 14 anos⁽¹⁴⁾. (Tabela 7).

^{14/} Esta relação foi calculada a partir da divisão entre o número total de jovens dos 0-14 anos pelo número de agregados familiares.

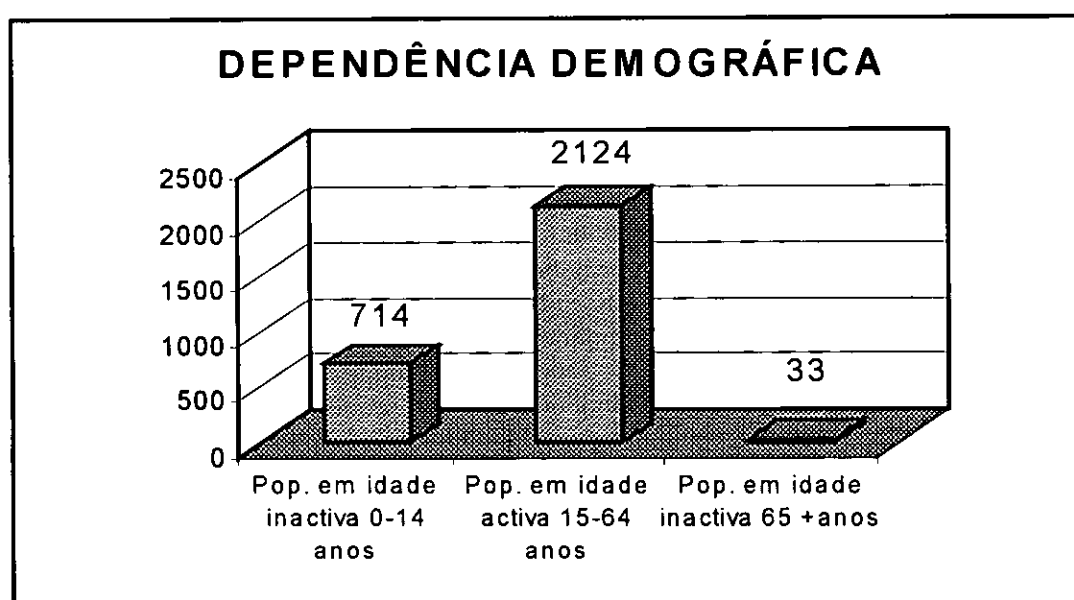
TABELA 7: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR IDADE

IDADE	Total da população	%	Chefe do agreg. Famil.	Membro do agreg.
0--4	176	8,05		176
5--9	230	10,5		230
10--14	308	14,1		308
15--19	383	17,5	8	375
20--24	242	11,1	51	191
25--29	140	6,4	45	95
30--34	147	6,72	75	72
35--39	168	7,68	84	84
40--44	92	4,21	51	41
45--49	97	4,44	55	42
50--54	78	3,57	46	32
55--59	36	1,65	20	16
60--64	27	1,23	11	16
65--69	13	0,59	6	7
70--74	13	0,59	10	3
75--79	2	0,09	1	1
80+	5	0,23	1	4
S/RESP.	30	1,37	5	25
TOTAL	2187		469	1718

Fonte: Inquérito na Unidade de Kansa, 1997.

O facto de se tratar duma população essencialmente jovem implica dum lado uma dependência demográfica que é expressa pela “relação entre a população em idade inactiva (menos de 15 anos e mais de 64 anos) e a população em idade activa (entre os 15 e 64 anos)” ARNALDO,C.,(1997:21) e por outro lado uma dependência económica que representa “a relação entre a população economicamente inactiva (menores de 15, maiores de 64 anos e aqueles que embora encontrando-se em idade de trabalhar não o fazem) e aquela que efectivamente trabalha (População economicamente activa)” ARNALDO,C. (1997:21). (Gráfico 3).

GRÁFICO 3



Fonte: Inquérito na Unidade de Kansa, 1997.

O crescimento desta população deve-se não só ao crescimento natural como também a migração⁽¹⁵⁾ da população de outros lugares para esta Unidade. Este movimento migratório, segundo o inquérito realizado no local, teve maior impacto nos últimos 10 anos, período durante o qual cerca de 53% da população inquerida se mudou para esta Unidade por diversos motivos. (Tabela 8).

^{15/} Como diz LOPES, L. (1992), "A mobilidade espacial da população é um resultado de um comportamento social e como tal está historicamente condicionado. A população move-se em função de uma estratégia de sobrevivência na tentativa de evitar ficar por baixo do nível histórico de sobrevivência no lugar de origem"

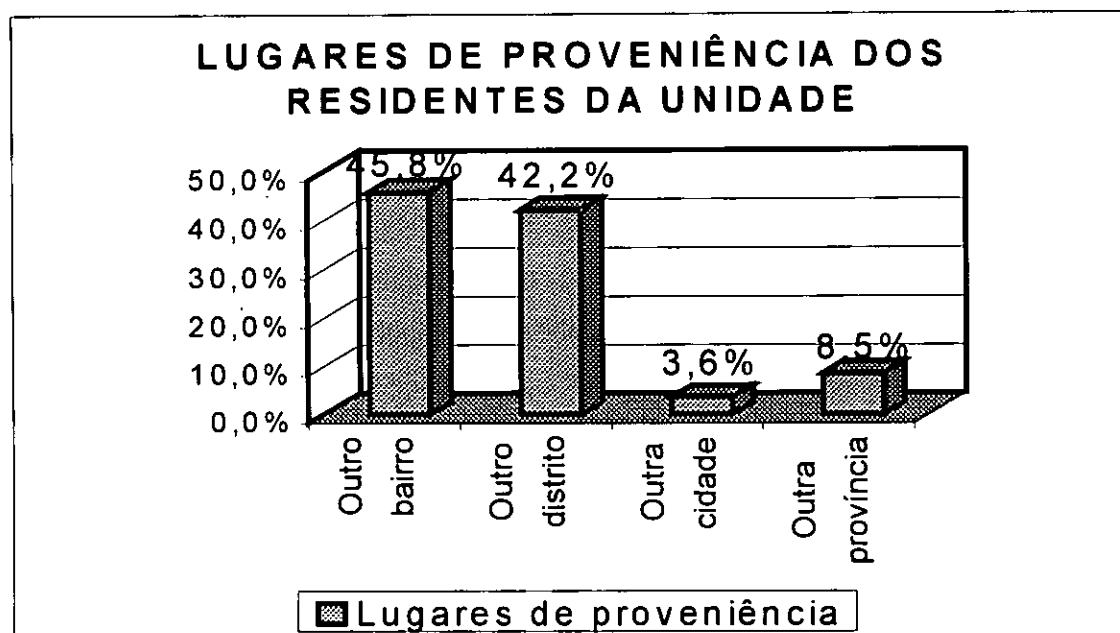
**TABELA 8: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR MOTIVO DE MUDANÇA
PARA UNIDADE DE KANSA**

MOTIVOS	% DA POP. INQUIRIDA
Procura de melhores condições de vida	42.3
Fugir à guerra	22
Transferência de emprego	12.9
Proximidade dos serviços sociais (educação e saúde)	11.8
Proximidade do emprego	11

Fonte: Inquérito na Unidade de Kansa, 1997.

Segundo a tabela 8, o motivo principal da mudança dum outro lugar para esta unidade foi a busca de melhores condições de vida no que concerne à procura de emprego e melhores serviços como educação e saúde, seguindo-se um outro motivo, também importante que é a fuga da guerra que assolava principalmente o interior. A maioria desta população (cerca de 45.8%) veio de um outro bairro, 42.2% veio de outro distrito, 8.6% vieram duma outra província e apenas 3.6% vieram duma outra cidade (Gráfico 4).

GRÁFICO 4

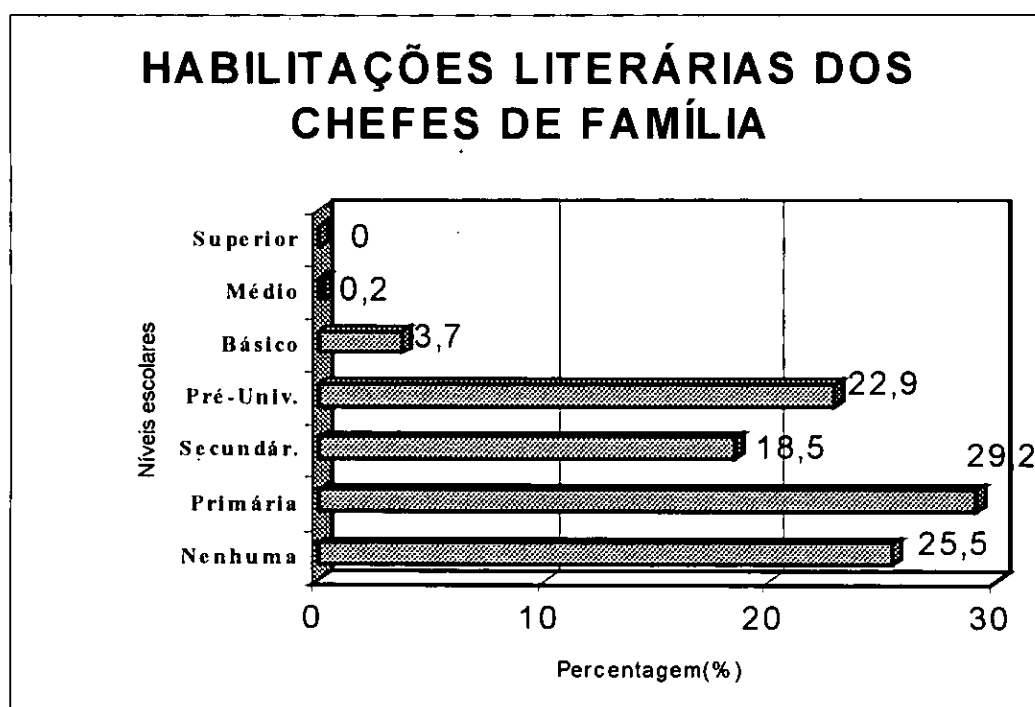


Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997

1.3.1 – Situação económica da população

Aqui pretende-se referir a ocupação profissional da população inquerida e que métodos elas utilizam como estratégias de sobrevivência (Tabelas 9 e 10), para deste modo analisar o nível económico desta população cujas habilitações literárias mais comuns estão representadas no Gráfico 5.

GRÁFICO 5



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997

Como se pode observar, cerca de 29.9% da população inquerida frequentou o ensino Primário em contra partida, não existe nenhum chefe de família que tenha frequentado o ensino superior. Abaixo do nível primário existem 25,5% dos inquiridos que não tem nenhuma habilitação literária.

TABELA 9: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO INQUIRIDA POR PROFISSÃO

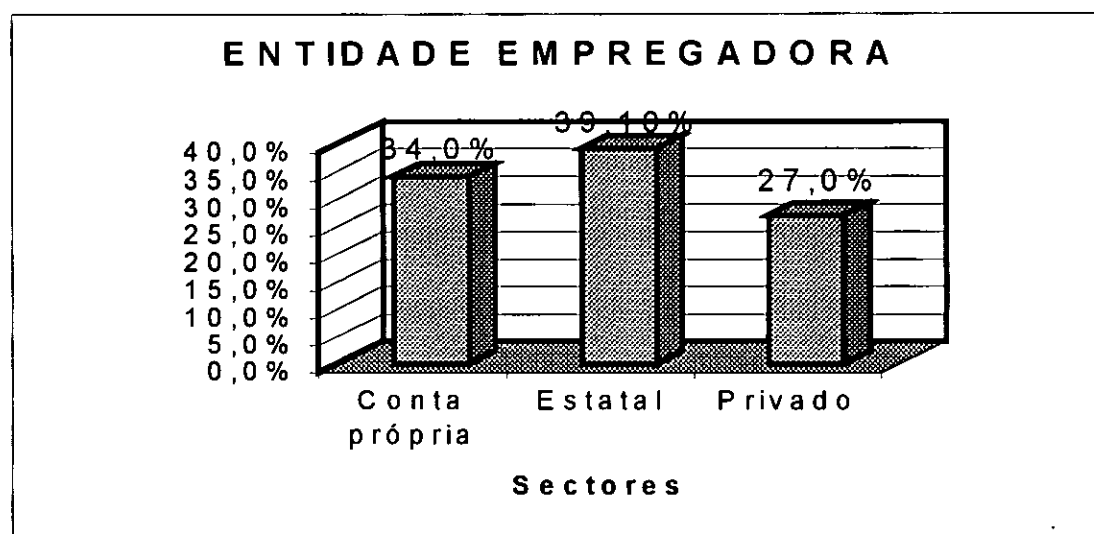
PROFISSÃO	CHEFE DO AGREG.	%	MEMBROS DO AGREG. FAMILIAR	%
Campones	31	6.6	42	2.9
Arteção	60	12.8	25	1.7
Comerciante	48	10.2	63	4.3
Desempregado	21	4.5	47	3.2
Doméstica	84	17.9	318	21.8
Empregado doméstico	19	4.1	21	1.4
Escriturário	30	6.4	17	1.2
Estudante	11	2.3	840	57.5
Funcionário público	16	3.4	10	0.7
Mecânico / Electricista	31	6.6	8	0.5
Segurança pública	21	4.5	10	0.7
Reformado	19	4.1	6	0.4
Educação/Saúde	78	16.6	54	3.7

Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

A tabela 10 mostra que entre os chefes de agregado, a profissão mais frequente é a doméstica (praticada na totalidade pelas mulheres) que cobre cerca de 17.9% do total. Os restantes 82.1% dos chefes de agregado distribuem-se pelas restantes profissões, donde se destacam os sectores de artesanato, comércio, educação e saúde, cujas percentagens estão acima dos 10%, sendo na sua maioria (39%) tratadores estatais, 34% trabalham por conta própria e 27% tratam para privados (Gráfico 6). Destes chefes de agregados,

apenas 19,8% praticam as suas actividades dentro da Unidade e cerca de 80,2% trabalham fora daquela, o que leva a deduzir que a Unidade tem como principal função a residencial.

GRÁFICO 6



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Cerca de 57,5% das 2.187 pessoas registadas durante o inquérito são estudantes, o que leva a pressupor, mais uma vez, que se trata duma população essencialmente jovem.

Consequentemente maior probabilidade de dependência do rendimento do chefe da família, salvo os casos de jovens trabalhadores.

Procurando uma maneira de estudar melhor o rendimento desta população sem que necessariamente se fizesse a pergunta directa, procurou-se saber se se praticava outra

actividade que complementasse o rendimento (¹⁶). Deste modo, 66.2% desta população não pratica outra actividade para além da principal, 33,8% responderam que praticam outra actividade. (Tabela 10).

Tabela 10: Distribuição da população por segunda actividade

Actividade	Chefes do agregado familiar
Machamba	50.6%
Venda de Artigos alimentares	22.2%
Venda de artigos de limpeza	4.4%
Venda de artigos de vestuário	0.6%
Fabrica/vende bebidas tradicionais	7.0%
Criação de animais doméstico	3.2%
Outras	12.0%

Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Como se pode verificar na tabela nº 10 a actividade com maior peso é o trabalho agrícola na machamba familiar (50.6%) que geralmente não é remunerado, sendo simplesmente para o consumo doméstico. 37,4 % praticam actividades do sector informal, como venda de artigos diversos pelas esquinas da cidade.

¹⁶/ Considerando o rendimento/familiar mínimo equivalente ao salário mínimo de 300.000,00 Mts/mês.



2. ENSAIO PARA O REORDENAMENTO URBANO DA UNIDADE

2.1 – Organização Actual da Unidade⁽¹⁷⁾

A Unidade Kansa possui uma área de 32,5 hactar dividida em 8 quarteirões: A,B,C,D,E,F,G e H. As principais vias de circulação na Unidade, que na altura das chuvas tornam-se quase intransitáveis, são as três ruas existentes no interior da unidade que ligam às avenidas que servem de limites deste espaço.

2.1.1 – Características habitacionais e ambientais

Kansa é caracterizada por possuir uma mistura de construções: de material local, que na sua maioria se erguem no interior da unidade, cercada por construções permanentes, como se tratasse de um muro de protecção. (Tabela 11).

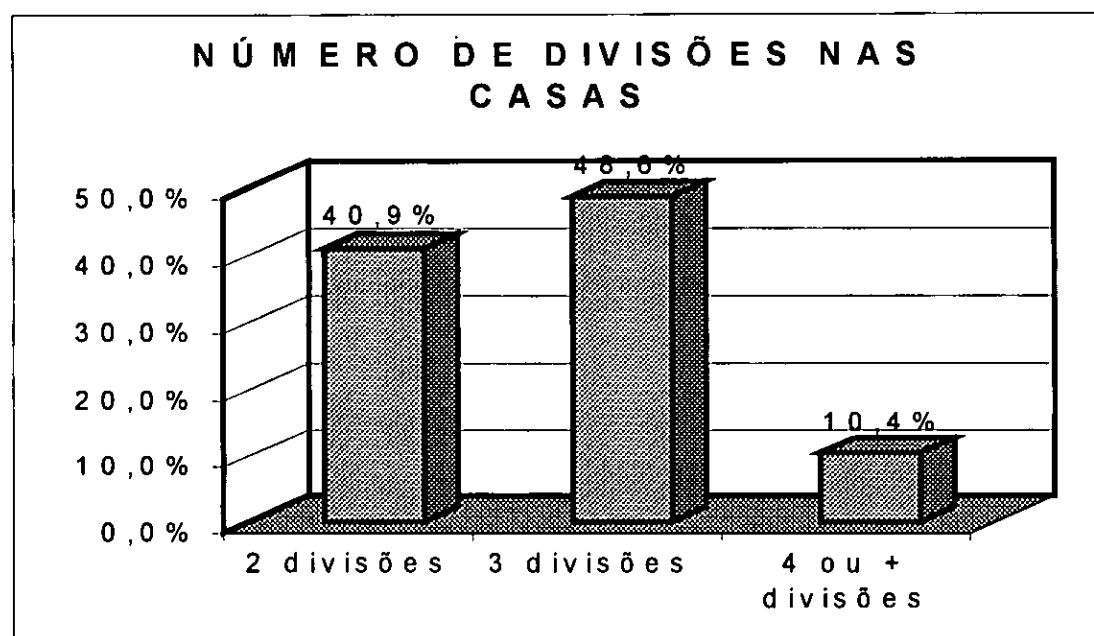
TABELA 11: MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DAS CASAS

TIPO DE MATERIAL	PERCENTAGEM
Material local (pau a pique cobertas com folhas de coqueiro)	85,3%
Alvenaria	12,2%
Casas melhoradas (pau a pique, maticadas e cobertas com zinco)	0,5%
Madeira ou pedras	0,1%

Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Segundo a tabela 11, o tipo de casa mais frequente são as construídas com material local. Por sua vez, a maior parte destas casas (cerca de 48.6%) têm 3 divisões, ou seja 2 quartos e uma sala, 40.9% têm 2 divisões, portanto uma sala e um quarto e 10.4 % são casas com 4 ou mais divisões. (Gráfico 7). Sendo a dimensão familiar de aproximadamente 5 pessoas, então para as casas com 2 quartos a densidade será entre 3 a 2 pessoas por quarto

GRÁFICO 7



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

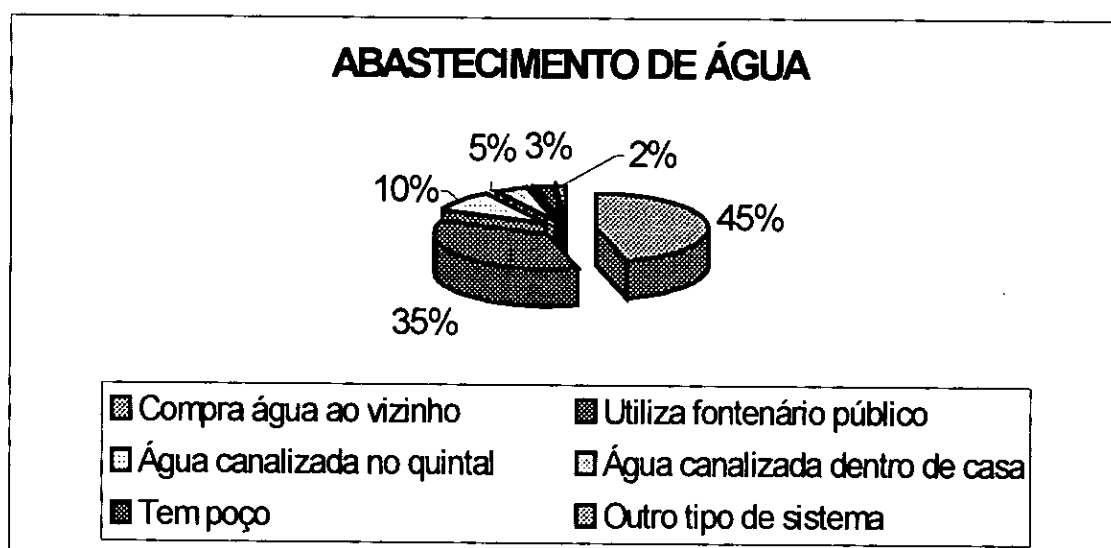
2.1.1.1- Infraestruturas existentes⁽¹⁸⁾

Abastecimento de água:

“ O acesso à água potável está directamente relacionado com a incidência de doenças epidémicas, como a cólera e com a sobrevivência de crianças” (UNICEF, 1994:6).

A partir do inquérito, 45.6% da população compra a água aos vizinhos, 35.6% utiliza o fontenário público, 10% tem água canalizada no quintal, 4.5% tem água canalizada dentro de casa, 2.8% tem poço e os restantes 1.5% utiliza outros sistemas de abastecimento de água. Deste modo, a maioria compra água aos vizinhos ou então utiliza o fontenário público. (Gráfico 8).

GRÁFICO 8



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

¹⁸/ Mapa 9, AnexoA.

Existem 2 fontenários públicos, dos quais apenas um está em funcionamento (Fotografia 1). Segundo o Plano de Estrutura (SPPFZ,1985), há normas nacionais sobre o fornecimento de água através de fontenários, que estabelecem os seguintes níveis:

- Nível mínimo: 250 famílias / fontenário
- Nível médio: 100 famílias / fontenário
- Nível máximo: 50 famílias / fontenário

No caso desta unidade, existem 2.398 famílias para 2 fontenários, o que dá uma relação muito aquém do estabelecido nas normas nacionais.

Fotografia 1



Unico fontenário em funcionamento na unidade de Kansa, 1997.

Higiene e Salubridade:

Nesta unidade, existem 4 valas de drenagem a céu aberto que ligam ao colector da rede geral de esgotos, localizado no limite Norte desta unidade, na Av. da Liberdade (mapa 7, anexo A).

O actual estado das valas (Fotografia 2) , agravado pelo elevado nível freático em toda a unidade , não permite a drenagem das águas pluviais, o que determina um alto grau de humidade e dificulta a construção de latrinas (SPFFZ,1987). Os resultados do inquérito apontam que 44.7% das famílias inqueridas não têm latrinas, satisfazendo assim, as suas necessidades fisiológicas ao ar livre ou então nas valas de drenagem.

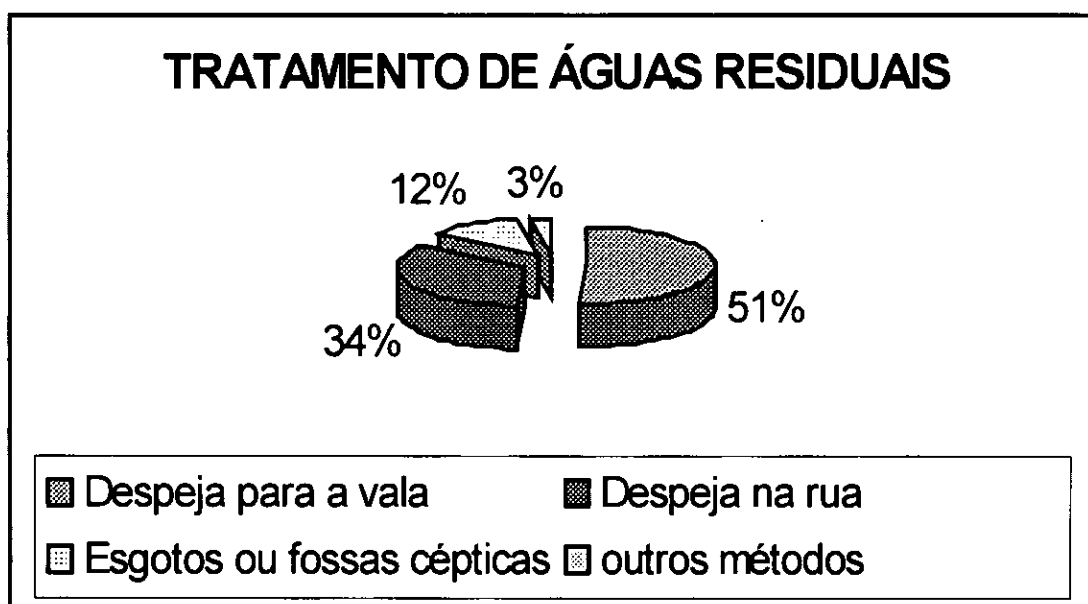
Fotografia 2



Uma das valas de drenagem na unidade de Kansa, 1997.

O tratamento das águas residuais é feito com dificuldades pois 51.2% da população inquirida despeja na a vala de drenagem, 34.3% despeja na rua, 11.7% tem esgotos ou fossas cépticas e os restantes 2.8% utilizam outros métodos, tais como despejar as águas residuais onde despejam também o lixo doméstico. (Gráfico 9).

GRÁFICO 9



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Ainda a partir dos resultados do inquérito, o tratamento do lixo doméstico é feito da seguinte maneira: 81.4 % diz que enterra o lixo, 8.3% deposita em lugares livres da Unidade (Fotografia 3), 6% queima-o, apenas 4.1% diz que há carros de recolha e os restantes 0.2% diz que tem outro método de tratamento do lixo. (Gráfico 10).

Fotografia 3

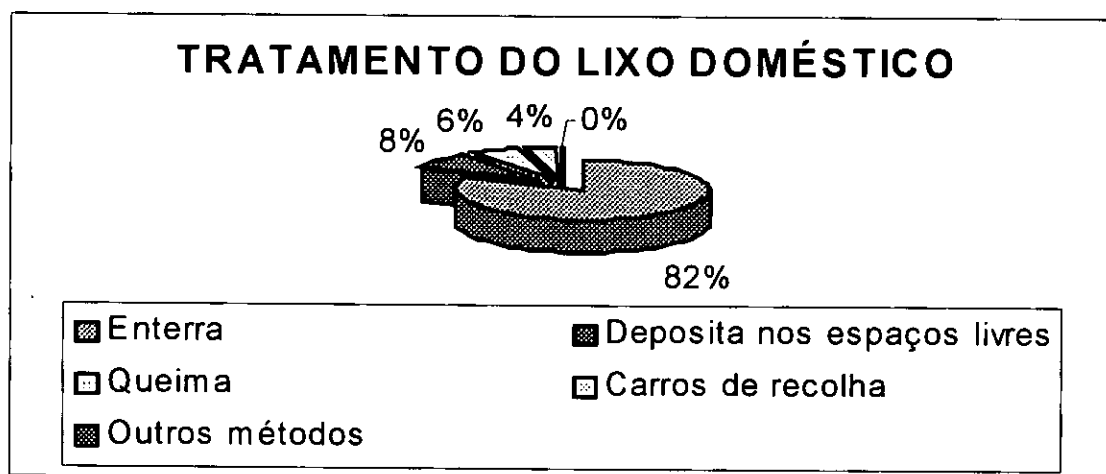
Lixo amontoado

num dos espaços junto à vala,

unidade de Kansa 1997.



GRÁFICO 10



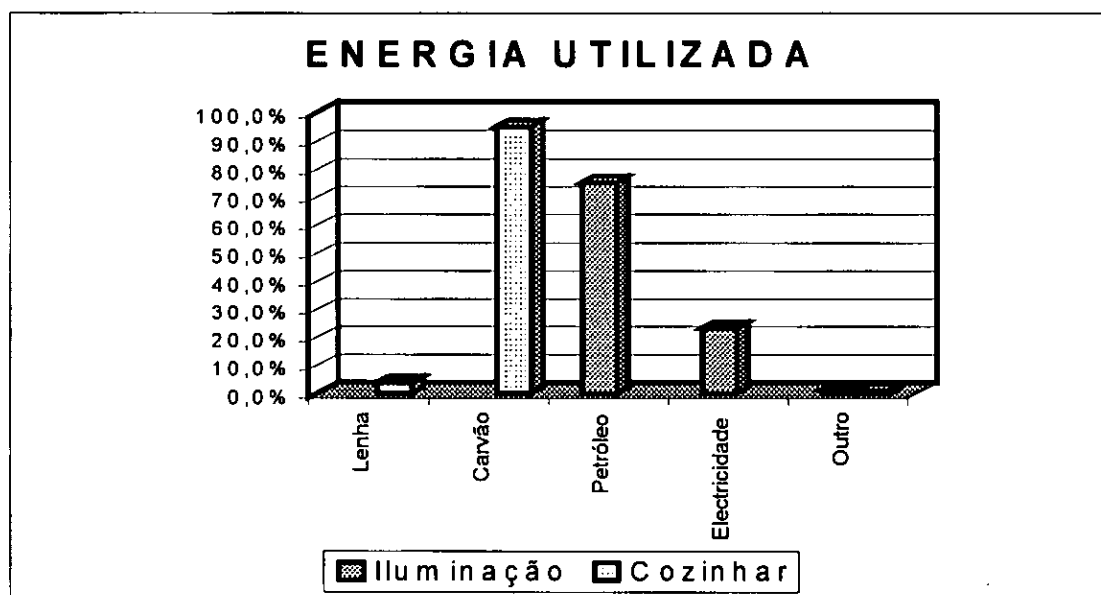
Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Como se disse anteriormente, esta Unidade tem um nível freático elevado. Por isso o método de tratamento do lixo pela maioria desta população, não é o mais adequado por causa da contaminação das águas subterrâneas.

Energia:

Segundo o inquérito, 75,4% da população utiliza o petróleo para iluminação e 24.6% tem energia eléctrica nas suas casas. A maior fonte de energia utilizada para cozinhar é o carvão, pois, cerca de 95% das família inquiridas usa esse sistema e apenas 3.9% utiliza lenha. (Gráfico 11). A sua maioria destas pessoas inquiridas (cerca de 72% da população inquerida) compram a lenha no mercado próximo à Unidade, como se pode observar no mapa 9, anexoA.

GRÁFICO 11



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Educação(mapa 9, anexo A):

Esta Unidade beneficia-se da localização de 2 escolas secundárias de nível provincial (1 do ensino geral e 1 de ensino técnico) e 1 escola Privada do nível EP1 e EP2.

No entanto, nas Unidades vizinhas existem escolas primárias que recebem estudantes desta unidade.

Outras infraestruturas:

Segundo, a Entrevista 7 - Anexo --, existem outros tipo de infraestruturas como:

- 1 Igreja (Assembleia de Deus Africana),
- 2 Lojas, tipo cantinas,
- 1 Empresa de Latrinas Melhoradas,
- 1 Empresa de Transportes (ROMOZA),
- 2 Cooperativas de consumo,
- 2 Restaurantes.

Se observar no mapa 9, anexo A , a maioria destas infraestruturas se localizam nas margens desta unidade, para deste modo serem mais acessíveis às pessoas.

2.2 – Principais problemas existentes

A localização desta Unidade em uma área facilmente inundável leva que as pessoas procurem os locais mais elevados para construir as suas residencias. Isto provoca uma grande procura destes lugares, resultando num aglomerado crítico: casas apertadas umas às outras, os arruamentos estreitos e contorcidos.

Das 469 famílias inquiridas, os principais problemas apontados, foram os seguintes:

TABELA 12: Principais Problemas

Problema	Percentagem de respostas
Inundações	24.4%
Pragas (mosquitos, ratos, etc)	2.3%
Falta de higiene	4.3%
Falta de segurança	8.1%
Falta de espaço	60.8%

Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Como se pode verificar o problema mais grave desta população é a falta de espaço e o segundo maior problema são as inundações.

Procurando soluções para estes problemas, perguntou-se à população se “estaria disposta a pagar taxas camarárias”, caso fossem precisas, para ajudar na manutenção e tratamento do lixo, das águas pluviais e águas residuais e, deste modo, minimizar os problemas de inundações, falta de higiene e pragas. As repostas dadas a esta pergunta foram as seguintes: 30.0% não pagariam nenhuma taxa, 28.2% apenas aceitariam pagar para a recolha do lixo e os restantes 41,8% responderam que pagariam taxas para o tratamento das águas pluviais e residuais. Dos 30% que responderam negativamente, 95.7% responderam que, por falta de dinheiro, poderiam ajudar em mão de obra na resolução dos problemas da Unidade.

2.3 - Prioridades dos Residentes

Com este ponto pretende-se analisar as principais prioridades da população residente nesta Unidade para, deste modo, se desenhar um plano de reordenamento e melhoramento desta de acordo com as necessidades da população estudada. (Tabela 14).

TABELA 13: Prioridades da população residente:

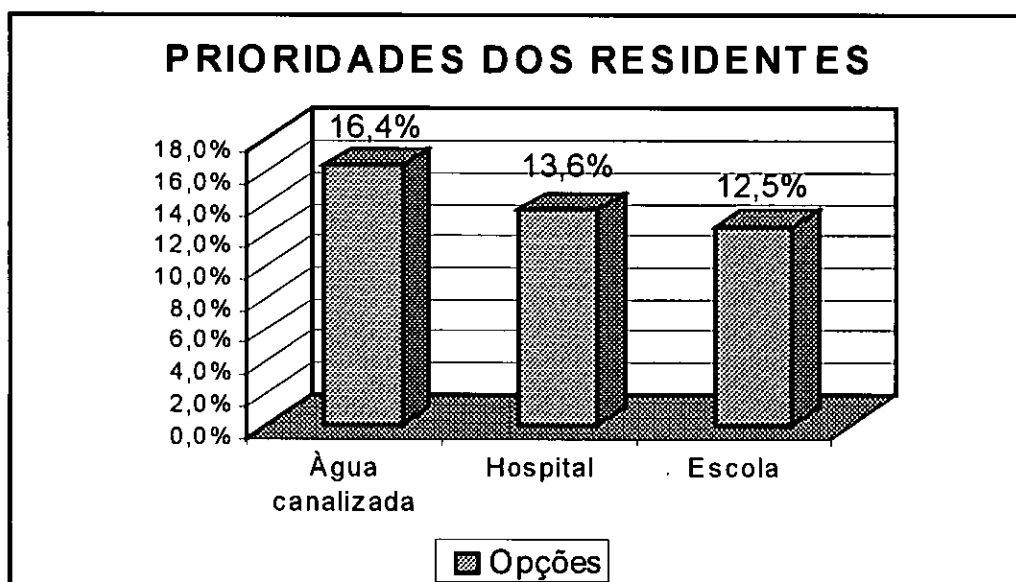
Prioridades	1ª Opção	2ª Opção	3ª Opção
Hospital	15.6%	13.6%	10.7%
Escola	11.5%	12.4%	12.5%
Creche	9.6%	10.2%	10.9%
Electricidade	10.2%	11.5%	11.7%
Água Canalizada	16.4%	11.7%	11.4%
Jardins	8.5%	10.4%	10.9%
Polícia	9.2%	10.7%	11.7%
Acessos	8.7%	10.7%	10.7%
Outras	7.9%	6.4%	7.2%
Sem resposta	2.3%	2.3%	2.3%

Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Partindo da tabela acima indicada, as primeiras prioridades desta população foram:

- 1ª opção – água canalizada, escolhida por 16.4% dos chefes de agregado,
- 2ª opção – Hospital, por 13.6% dos chefes de agregado,
- 3ª opção – Escola, por 12.5% dos chefes de agregado familiar. Gráfico 12.

GRÁFICO 12



Fonte: Inquérito realizado na Unidade de Kansa, 1997.

Como se pode verificar no gráfico 12, os valores da segunda e terceira opção se aproximam bastante. Mas como dissera anteriormente, a unidade é beneficiada pela existência de duas escolas secundárias e uma do EP1 e EP2 (privada) para além de outras escolas primárias existentes nas unidades vizinhas que atendem crianças desta unidade; por isso a escola, como terceira opção, não tem muita lógica de ser. Ao contrário das outras prioridades principais como a água canalizada, porque apenas 15% desta população tem água canalizada sendo 10% no quintal e apenas 5% dentro de casa o que faz com que o

resto da população tenha que recorrer a outros sistemas, muitas das vezes pouco adequados, para se abastecerem deste precioso líquido. No caso da segunda opção, hospital, não existem postos de saúde próximos que possam servir às pessoas desta unidade, tendo por isso causado grandes transtornos.

Perguntou-se ainda aos inquiridos qual era tipo de casas que gostariam de ter nesta unidade, 57% responderam que gostariam de ter casas com quintais, 32.5% querem prédios e 10.3% preferem casas sem quintais. Dos que escolheram casas com quintais, 42.1% justificaram que o quintal seria para delimitar o espaço de cada um; outros 28% responderam que o quintal serviria para fazer horta, capoeira ou jardins; 21.8% disseram que seria para proteger a casa e os restantes 8.1% , para privacidade e “para as crianças brincarem”.

Duma maneira geral, nota-se que uma outra preocupação destes residentes é o de não haver privacidade no seu “canto”, devido a falta de espaço causado pela alta densidade populacional que aflige esta unidade.

2.4- Estratégias a utilizar

“ O crescimento demográfico e a concentração da população estão estreitamente ligados à qualidade local e global do ambiente” (UNICEF,1994:5).

Após se ter feito referência aos problemas e prioridades da unidade, resta agora fazer uma análise de toda a situação da unidade e tentar traçar estratégias para se conseguir ultrapassar os problemas e alcançar as prioridades.

Pelo que se pode verificar dos resultados do inquérito, existem, essencialmente, 2 principais problemas: 1 de carácter físico-natural e outro de carácter espacial, que estão inteiramente interligados.

O primeiro, o natural, tem muito a ver com a localização da Unidade em uma área baixa, susceptível a inundações frequentes, na época chuvosa e não só, como também, pelo facto de existir, na área, um nível freático bastante elevado.

Deste modo, uma das estratégias a utilizar, para minimizar esses problemas a curto prazo, está relacionada com o melhoramento (limpeza) dos canais de drenagem, aterro das áreas mais baixas e posteriormente fazer-se um novo atalhoamento da unidade e redistribuição dos habitantes pelo espaço, equilibradamente. Procurando deste modo a melhoria da “qualidade de vida”⁽¹⁹⁾ desta população.

¹⁹⁾ Entende-se por “qualidade de vida, como sendo uma noção complexa que respeita ao estado geral ou as condições da população, numa determinada área. Tem sem qualquer dúvida uma dimensão psicológica

A característica morfológica do espaço em estudo, leva com que as pessoas tenham que se instalar em área mais elevadas o que resulta no segundo problema, que por sinal é o mais grave: a falta de espaço.

A acumulação de habitações em determinadas áreas da Unidade, tem como consequências, nomeadamente: a falta de espaço, saturação do solo, a acumulação de detritos (lixo), que não são tratados convenientemente, obrigando assim, que os habitantes convivam com o lixo no seu dia a dia. E isto deve-se, essencialmente, à alta densidade populacional que se verifica.

Numa tentativa de contornar a problemática da alta densidade populacional, fez-se uma pergunta, no inquérito, que pudesse dar soluções para este problema; a pergunta foi “gostaria de mudar de lugar, para onde gostaria de morar e porquê”. Mas, como dissera no capítulo que faz referência à metodologia, esta pergunta não teve muito sucesso, pois cerca de 82.6% das pessoas inquiridas responderam que não gostariam de ir viver para outro lugar porque estavam habituados a este e que gostavam de morar nele.

Sendo assim, a hipótese de transferência de parte desta população para um outro lugar, não teria grandes sucessos, e provavelmente aconteceria o mesmo que há 10 anos atrás, quando se tentou reordenar e melhorar esta unidade, as pessoas tornariam a voltar para os seus cantos e reerguer as suas palhotas (Entrevista 9, AnexoD).

importante, por vezes considerada como satisfação social, felicidade, a realização pessoal e a segurança e também numa dimensão ambiental que envolve critérios como “dieta”, habitação, o acesso a serviços e a segurança. Pode-se incluir algumas considerações como as oportunidades sociais, as expectativas de emprego, a abundância e o tempo de lazer” (WITHERICK, J., 1992).

Tratando-se duma população de baixos rendimentos, não se pode contar com muita ajuda, principalmente financeira, para contribuir na melhoria da unidade. Deste modo, resta fazer um plano de reordenamento de baixo custo para que deste modo esta população não tenha que mais tarde pagar taxas elevadas de manutenção dos novos serviços a instalar no local.

Resumindo, as estratégias imediatas a utilizar para o melhoramento desta Unidade seriam:

1. Manutenção das valas de drenagem, deixando-as limpas para que as águas escoem com liberdade em direcção ao colector geral da rede de esgotos;
2. Aterro nas partes mais baixas da Unidade;
3. Novo atalhoamento e redistribuição da população, pela unidade;
4. Instalação de mais fontenários em locais estratégicos.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES

Depois de se ter feito a análise dos dados recolhidos a partir do inquérito realizado na Unidade Kansa, chegou-se as seguintes conclusões:

1. Apesar da Unidade se localizar num espaço urbano, possui certas características rurais que impedem o desenvolvimento do lugar como uma área urbanizada. Características estas como: a própria organização do espaço, ruas estreitas e contorcidas, resultando num labirinto e o tipo de habitação mais frequentes são casas construídas com material local e sem água canalizada.
2. As condições físicas deste espaço impendem que haja uma organização mais apropriada, pois a acumulação de águas em certas áreas obriga que as pessoas tenham que se concentrar nas áreas mais elevadas do lugar procurando assim melhores espaços para viver.
3. A população desta unidade está em constante crescimento pois, como se pode verificar, apenas em termos absolutos, o número de famílias aumentou 5 vezes entre o período de 1987 a 1996. Este aumento pode ser justificado pelo crescimento natural e também pelo crescente movimento migratório de pessoas vindas de outros lugares para esta unidade.

Segundo o inquérito, 53% das famílias inqueridas se mudaram para este local nos últimos 10 anos pelos mais variados motivos, sendo o principal a procura de melhores condições de vida, como os serviços de saúde e educação (42.3%). Deste modo, a hipótese colocada no início deste trabalho, de que o afluxo da população para esta unidade se justificava pelo facto da proximidade do Kansa ao centro da cidade, vista como uma vantagem no que concerna à procura de emprego e melhores condições de vida se comprova.

A segunda hipótese colocada está relacionada com a segurança que a unidade poderia oferecer aos refugiados da guerra civil. Neste caso 22% das famílias inqueridas responderam que se mudaram para esta unidade para fugirem à guerra, que foi o segundo grande motivo da migração de famílias de outros lugares para a unidade Kansa, nos últimos dez anos.

4. A função principal desta unidade é residencial porque 80,2% dos chefes de agregado praticam as suas actividades principais fora da unidade apesar de existir alguns edifícios de serviços nomeadamente escolas, empresas diversas, restaurantes e cooperativas que empregam cerca de 19.8% dos chefes de família e apenas esses é que trabalham dentro da unidade.
5. Os resultados do inquérito mostram que 66.2% dos inquiridos não praticam outra actividade para além da principal, sendo a mais frequente a doméstica, que não é remunerada, e apenas 33,8% praticam outra actividade, geralmente a machamba, para complementar a primeira.

6. Um dos principais objectivos deste trabalho era o de recolher os principais problemas e prioridades da população residentes desta unidade, para que deste modo se pudesse fazer um novo plano de reordenamento de acordo com as suas preocupações e anseios. Sendo assim, o inquérito mostra que os principais problemas são de ordem físico-natural, pois a unidade possui áreas baixas sujeitas a inundações e de ordem espacial, ou seja a falta de espaço (apontado como o maior problema), que é consequência do primeiro problema pois as pessoas tendem a "fugir" das áreas baixas da unidade concentrando-se nas mais altas provocando assim um sobreaproveitamento do espaço. Existem outros tipos de problemas, menos frequentes como: Falta de segurança, falta de higiene e a existência de pragas (mosquitos e ratos).

Ao longo deste trabalho, verificou-se também que a maior parte da população deseja ter casas com quintais para deste modo ter mais privacidade e control do espaço que habita, pois a alta densidade populacional (cerca de 145 famílias/hectar) não possibilita que haja espaço suficiente para todos os residentes.

7. Por outro lado, as prioridades apontadas são as seguintes: Como a primeira prioridade está a água canalizada, a segunda está o hospital e como terceira prioridade está a escola, mas, como dissera anteriormente, esta terceira opção não tem muita lógica de ser pois a unidade é beneficiada pela existência de 2 escolas secundárias e pela razão de ser uma unidade rodeada de outras que possuem escolas, principalmente primárias.

8. Fazer mover famílias deste lugar para outro de modo que haja espaço para o novo plano, como foi referido no início deste trabalho, como uma das possíveis soluções para o novo reordenamento e melhoramento desta unidade, é um exercício difícil, pois como indicam os resultados do inquérito 82.6% das pessoas inquiridas responderam que não se mudariam para outro lugar. Sendo assim, é preciso antes planear um novo espaço, com condições mínimas, que sirvam de atracção para a população transferida e só assim será viável um novo plano de reordenamento nesta unidade.

9. Duma maneira geral, este estudo vai permitir conhecer as características desta unidade, para que deste modo se desenhe um plano adequado com a realidade actual deste espaço habitado. A aplicação dum novo plano de reordenamento não será fácil pois trata-se dum espaço já ocupado e “organizado” pela própria população residente, é preciso que haja antes um aconselhamento à população e fazer ver a necessidade duma nova organização que poderá ser como a proposta que se apresenta no mapa 10, que se segue.

No mapa da proposta de reordenamento para a unidade, define-se um novo parcelamento da unidade de Kansa, seguindo o desenho elaborado para o bairro Piloto para deste modo, haver uma ligação entre estes dois espaço vizinhos e haver também uma melhor circulação dentro da Unidade. Propõe-se também que haja menos quarteirões, permitindo assim que os espaços anteriormente ocupados por ruas sejam aproveitados para construir residencias.

BIBLIOGRAFIA

- AHMAD, Yussuf J. e MULLER, Frank G., Integrated Physical, socio economic and environmental plannig, United Nations Environment Programme, Dublin, 19982.

- Administração territorial no contexto da municipalização, Jaime Gerente –
Presidente do Conselho Municipal da Cidade de Quelimane, MAE ESPECIAL – nº4,
Ministério de Administração Estatal – Direcção Nacional de Administração Local,
Maputo, 1997.

- AMARAL, Francisco Keil, Lisboa uma cidade em transformação, S/editora, Lisboa,
s/ano.

- Análise tipológica de habitação e condições de vida nos bairros de Laulane e Mahotas, Ministério de Cosntrução e águas, Maputo, 1991.

- ANTUNES, Esperança da Piedade, Inquérito habitacional nos bairros de Manga e Macuti, Instituto de Educação e Serviço Social, Beira, 1963.

- ARAÚJO, Manuel G.M., Geografia dos povoamentos – uma análise dos assentamentos humanos ruraris e urbanos, UEM, 1997.

- ARNALDO, Carlos, Comércio informal e ocupação da força de trabalho no bairro de Malanga, Trabalho de Licenciatura, UEM, Maputo, 1996.

- BEAUJEAU – Garnier , Jacqueline, Geografia urbana, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983.
- BENNET, R.J. and WILSON, A.G., Geography and planning, John Wiley and Sons, Ltd, U.K., 1985.
- CABRAL, António, Dicionário de nomes geográficos de Moçambique – sua origem, Empresa Moderna, Lourenço Marques, 1975.
- CASTRO, Josué, Ensaio de geografia humana, Editora Brasília, Porto, 1976.
- Cidade de Quelimane – Perfil histórico, República Popular de Moçambique, Conselho Executivo da cidade de Quelimane, Agosto de 1988.
- CLARCK, Audrey N, Longman dictionary os geography – Human and physical, Longman, U.K., 1985.
- Clima e Habitação, Gabinete de Estudos do Monistério da Obras Públicas e Habitações, Maputo, S/ano.
- Contribuição para o estudo do planeamento urbano da grande Maputo, Faculdade de Arquitectura – UEM, Maputo, 1995.

- Contribuição para a definição do conceito “Urbano” para o censo de população de 1997 de Moçambique. Ministério do Plano e Finanças, Direcção Nacional de Planificação, Unidade de População e Planificação. Série População e Desenvolvimento. Doc. Nº 13, Julho 1996.
- DERRUAU, Max. Geografia Humana II, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa.
- DO AMARAL, Ilídio, A cidade e o futuro a propósito da explosão urbana mundial, Lisboa, 1983.
- DO AMARAL, Wanda, Guia para apresentação de teses, dissertações e trabalhos de graduação, UEM, Maputo, 1995.
- ECO, Humberto. Como se faz uma tese em ciências Humanas, Editora Presença, 4ª Edição, Lisboa, 1988.
- Estudo do plano básico do Projecto de estabelecimento de estabelecimentos para concerto de barcos pesqueiros em Moçambique – Um relatório preliminar, Japan International Cooperation Agency (JICA) e Secretaria de estado das Pescas de Moçambique, Quelimane, Novembro de 1992.
- FAIRCHILD, H.P., Dictionary of sociology, Philosophical Library, New York, 1984.

- FERREIRA, Francisco Whitaker. Condições de vida e planeamento físico, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 1966.
- FONSECA, Maria Lucinda e REIS, Deolinda, Crescimento e diferenciação das áreas suburbanas de Lisboa e Porto- Estudos para o planeamento regional e Urbano, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, 1980.
- FRÉMONT, Armand. A região, espaço vivido, S/E, Coimbra, 1980.
- GEORGE, Pierre, População e povoamento, Livraria Bertrand, SARL, Lisboa, 1974.
- GIL, António C., Como elaborar projectos de pesquisa, Editora Atlas S.A, São Paulo, 1988.
- Guião metodológico para elaboração de planos parciais urbanos, Secretaria do Estado do Planeamento físico – Instituto Nacional do Planeamento Físico, Departamento de Planeamento Urbano – Departamento de formação, 2ª Edição, Maputo, 1986.
- Informação estatística anual – 1991. Dados, informações e interpretações, República de Moçambique, Ministério da Saúde – Direcção Nacional de Planificação e Cooperação – Departamento de informação para a saúde, Maputo, julho de 1993.

- INKELES, Alex e SMITH, David Horton, Tornando-se moderno, Edições Universidade de Brasília, Brasília, 1974.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade, Metodologia Científica, Editora Atlas S.A., São Paulo, 1989.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade, Técnicas de pesquisa, Editora Atlas S.A., São Paulo, 1985.
- LE Corbusier. Maneira de Pensar o Urbanismo, Publicações Europa América, Lisboa, 1997.
- LÉVY, Michel Louis, Introdução à estatística, Editions du Seuil, 1979.
- LOBATO, Alexandre, Ensaio de uma história demográfica da cidade de Lourenço Marques, Imprensa Nacional, Lourenço Marques, 1938.
- LOBO, Manuel; CORREIA, Paulo; PARDAL, Sidónio e LOBO, Margarida, Normas urbanísticas, Direcção geral do ordenamento do território, Lisboa, 1990.
- LONGO, Carlos Alberto e RIZZIERI, Juarez A. Baldini, Economia urbana – custos de urbanização e finanças públicas, Instituto de pesquisas económicas, São Paulo, 1982.

- LOPES, Leonel e DOS SANTOS, Maria Clara Cidade e distrito de Nampula- 1995, Inquérito demográfico, de saúde e aspectos sócio económicos da família, Centro de Estudos da População, UEM, Maputo, 1994.

- LOPES, Leonel, Textos de apoio sobre Geografia da população, UEM, 1994.

- MATUCHO, António, Uma contribuição para o estudo dos assentamentos urbanos – o caso da vila de Namacha, 1960-1996, Trabalho de licenciatura, UEM, 1996.

- MENDES, Maria Clara, Maputo antes da independência – Geografia de uma cidade colonial, Memórias do instituto de investigação científica tropical, Lisboa, 1985.

- MENDES, Maria Clara, Introdução ao Planeamento Urbano -Textos de Apoio, Curso de Geografia. Universidade Eduardo Mondlane em Cooperação com a Universidade de Lisboa - Faculdade de letras. 1995/1996.

- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo, Teoria e clima urbano, Universidade de São Paulo – Instituto de geografia, São Paulo, 1976.

- Monografia da cidade, Conselho Municipal da Cidade de Quelimane, Gabinete do Presidente, 1997.

- MAUSBACH, Hans. Urbanismo Contemporâneo, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa. S/ano.

- OLIVEIRA, Mário de, O "habitat" nas zonas suburbanas de Quelimane in: *Geographica*, revista da sociedade de geografia - nº3, Lisboa, 1965, pp.102.

- PINSKY, Barry, The urban problematic in Mozambique: Initial post-independence responses, 1975-1980, University of Toronto, Centre for urban and community studies, Toronto, 1981.

- PINSKY, Barry, Mobilizing for a new life: "caniço" settlement rehabilitation in the Bairro Maxaquene, Mozambique, University of Toronto, Centre of Urban and Community studies, Toronto, 1981.

- Plano de Estrutura da cidade de Quelimane, Instituto Nacional de Planeamento Físico, Serviço Provincial da Zambézia, Projecto PFZ.

- Plano de urbanização do aglomerado de Mocuba: relatório (texto provisório), Ministério das Obras Públicas e Habitações- Direcção Nacional de Habitação, Maputo, s/ano.

- Projecto de reordenamento e melhoramento do Kansa - Quelimane, Instituto nacional de Planeamento Físico, Serviço provincial da Zambézia. 1987.

- REIGADO, F. Marques, Introdução ao planeamento – Teorias e técnicas ,
Universidade Moderna, Lisboa, 1983.
- Resenha histórica de quelimane (período de 1154/1954), Província da Zambézia,
Conselho Executivo da cidade de Quelimane, 1989.
- RIBEIRO, Orlando. Ensaio de Geografia Humana e Regional, Editora Sá da Costa,
Lisboa, 1969.
- RIBEIRO, Orlando, Iniciação em geografia humana, Edições João Sá da Costa,
Lisboa, 1986.
- Reclaiming the future – A manual on futures studies for african planners, United
Nations Development Programme, 1986.
- SANTOS, Milton, Economia espacial – Críticas e alternativas – economia e
planejamento, Editora Hucitec, São Paulo, 1979.
- SANTOS, Milton, Manual de geografia urbana, Hucitec, São Paulo, 1981.
- SCHUNOWITZ, Abraham Samuel, Oplanejamento regional, Gráfica Universitária
do Centro editorial e didáctico da UFBA, SALVADOR, 1983.

- STREN, Richar E. and WHITE, Rodney R., African cities en crisis – Mananging rapid urban growth, Westview Press, London, 1989.

- VAN den Berg, L.M., Anticipating urban growth in Africa – land use and land values in the urban fringe of Lusaka, Zambia, Zambia geographical association occasional study, Lusaka/Amerstadam, 1984.

ANEXOS

ANEXO A

**MAPA 1 – CIDADE DE QUELIMANE -LIMITES E
DIVISÃO ADMINISTRATIVA**

**MAPA 2- CIDADE DE QUELIMANE – DIVISÃO
ADMINISTRATIVA**

MAPA 3- CIDADE DE QUELIMANE – ASPECTOS FÍSICOS

**MAPA 4- CIDADE DE QUELIMANE – USO DO SOLO E
REDE VIÁRIA**

MAPA 5- CIDADE DE QUELIMANE - INFRAESTRUTURAS

MAPA 6- CIDADE DE QUELIMANE – INDÚSTRIA E COMÉRCIO

MAPA 7- CIDADE DE QUELIMANE – REDE DE DRENAGEM

**MAPA 8- UNIDADE DE KANSA- ESQUEMA DA DIVISÃO
DA UNIDADE PARA O INQUÉRITO**

**MAPA 9 – UNIDADE DE KANSA – DIVISÃO ADMINISTRATIVA
E INFRAESTRUTURAS**

**MAPA 10 – UNIDADE DE KANSA- PROPOSTA DE
REORDENAMENTO**

17°45'

36° 50'

17°55'

37°00'

O C E A N O I N D I C O

MAPA 1

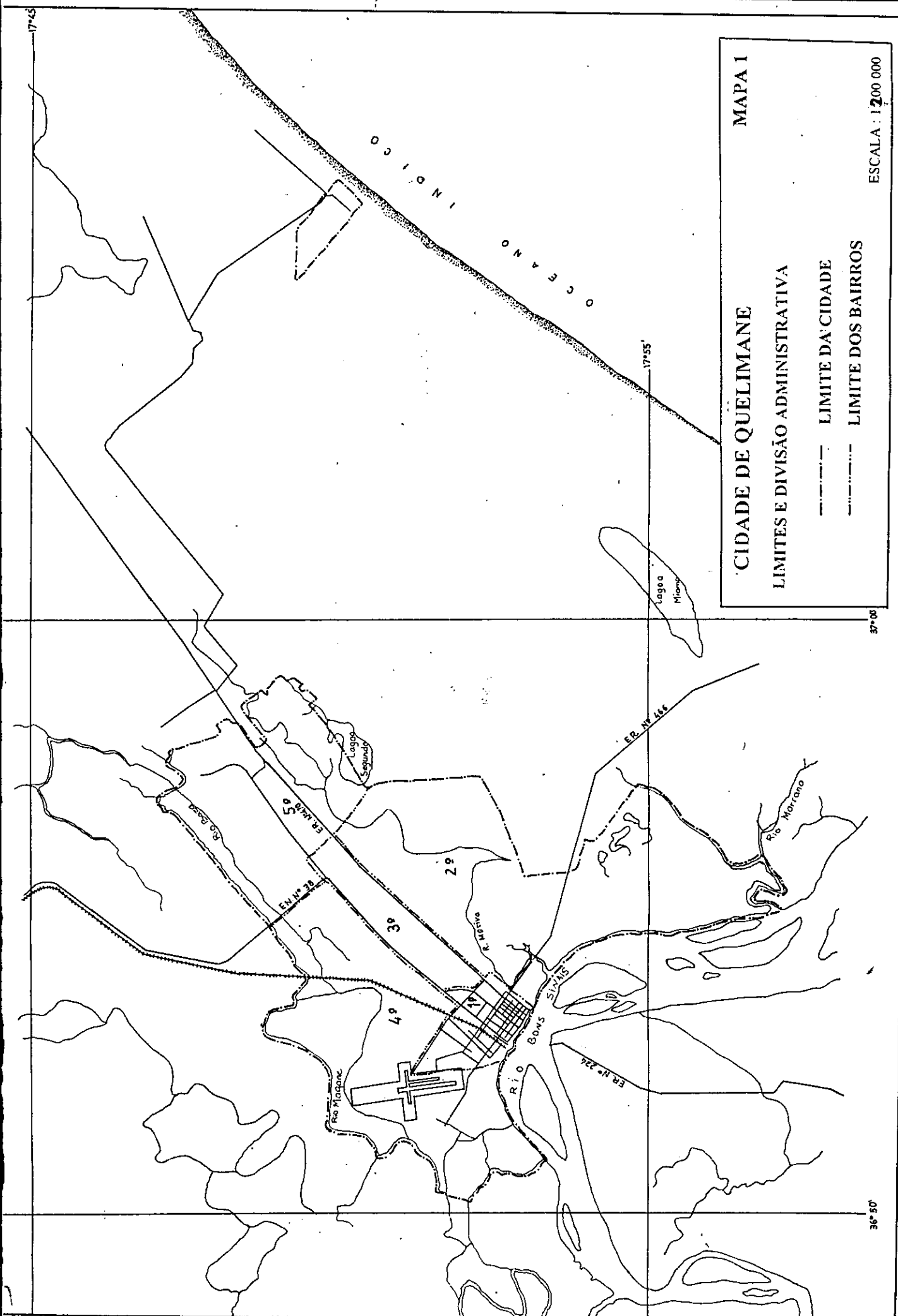
CIDADE DE QUELIMANE

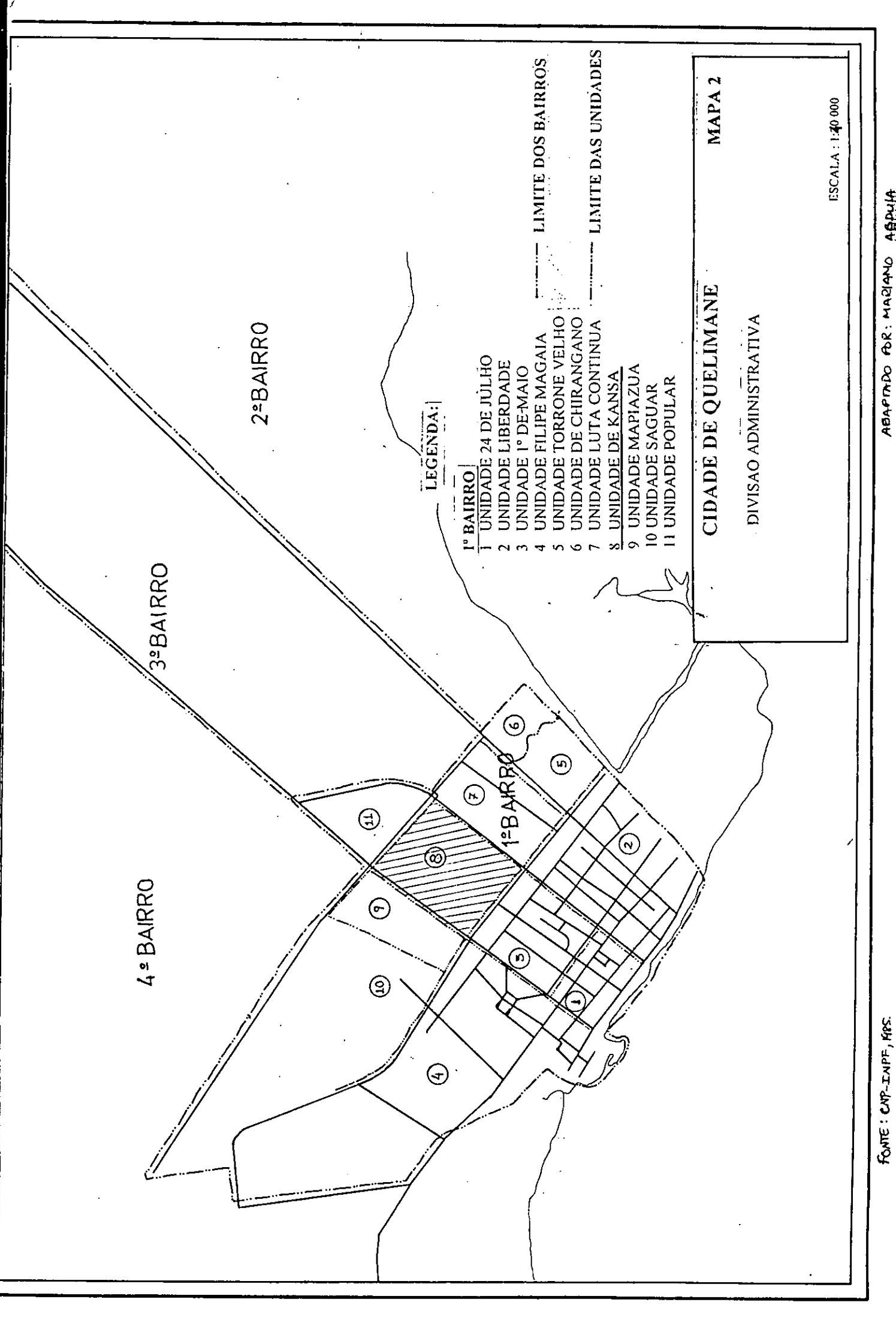
LIMITES E DIVISÃO ADMINISTRATIVA

--- LIMITE DA CIDADE

--- LIMITE DOS BAIRROS

ESCALA : 1:200 000





4º BAIRRO

3º BAIRRO

2º BAIRRO

1º BAIRRO

LEGENDA:

1º BAIRRO

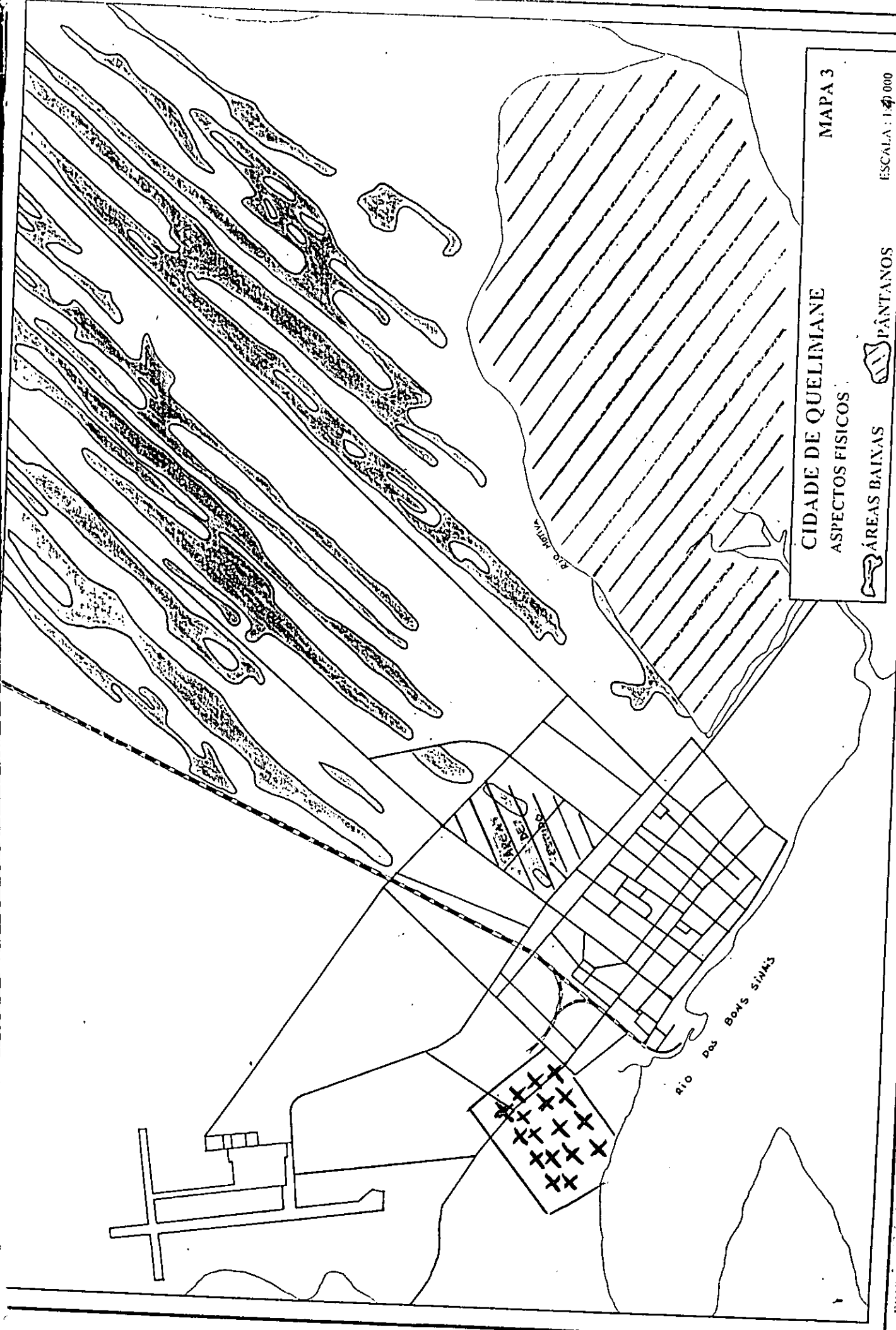
- 1 UNIDADE 24 DE JULHO
- 2 UNIDADE LIBERDADE
- 3 UNIDADE 1º DE MAIO
- 4 UNIDADE FILIPE MAGAIA
- 5 UNIDADE TORRONE VELHO
- 6 UNIDADE DE CHIRANGANO
- 7 UNIDADE LUTA CONTINUA
- 8 UNIDADE DE KANSA
- 9 UNIDADE MAPIAZUA
- 10 UNIDADE SAGUAR
- 11 UNIDADE POPULAR

--- LIMITE DOS BAIRROS



--- LIMITE DAS UNIDADES

CIDADE DE QUEIMANE
 DIVISAO ADMINISTRATIVA
MAPA 2

ESCALA : 1:40 000



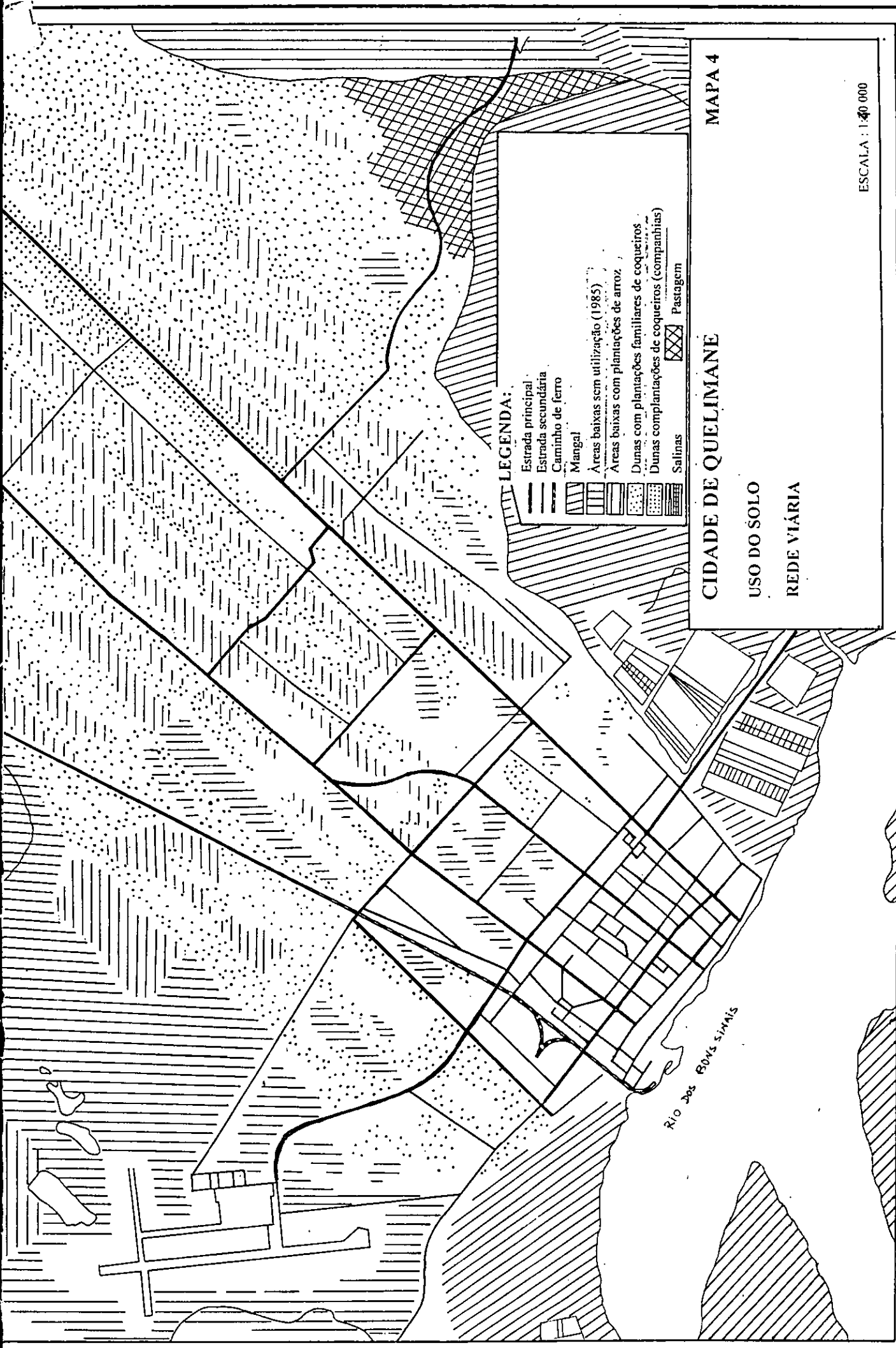
CIDADE DE QUELIMANE
ASPECTOS FISICOS

ÁREAS BAIAS  PANTANOS 

MAPA 3
ESCALA: 1:40 000

FONTE: CNP INSTITUTO NACIONAL DE PLANEAMENTO FÍSICO, P&S

ABASTADO POR: MARIANO ABDULA



LEGENDA:

- Estrada principal
- - - Estrada secundária
- Caminho de ferro
- ▨ Mangal
- ▧ Áreas baixas sem utilização (1985)
- ▩ Áreas baixas com plantações de arroz
- ▤ Dunas com plantações familiares de coqueiros
- ▥ Dunas com plantações de coqueiros (companhias)
- ▦ Salinas
- ▩ Pastagem

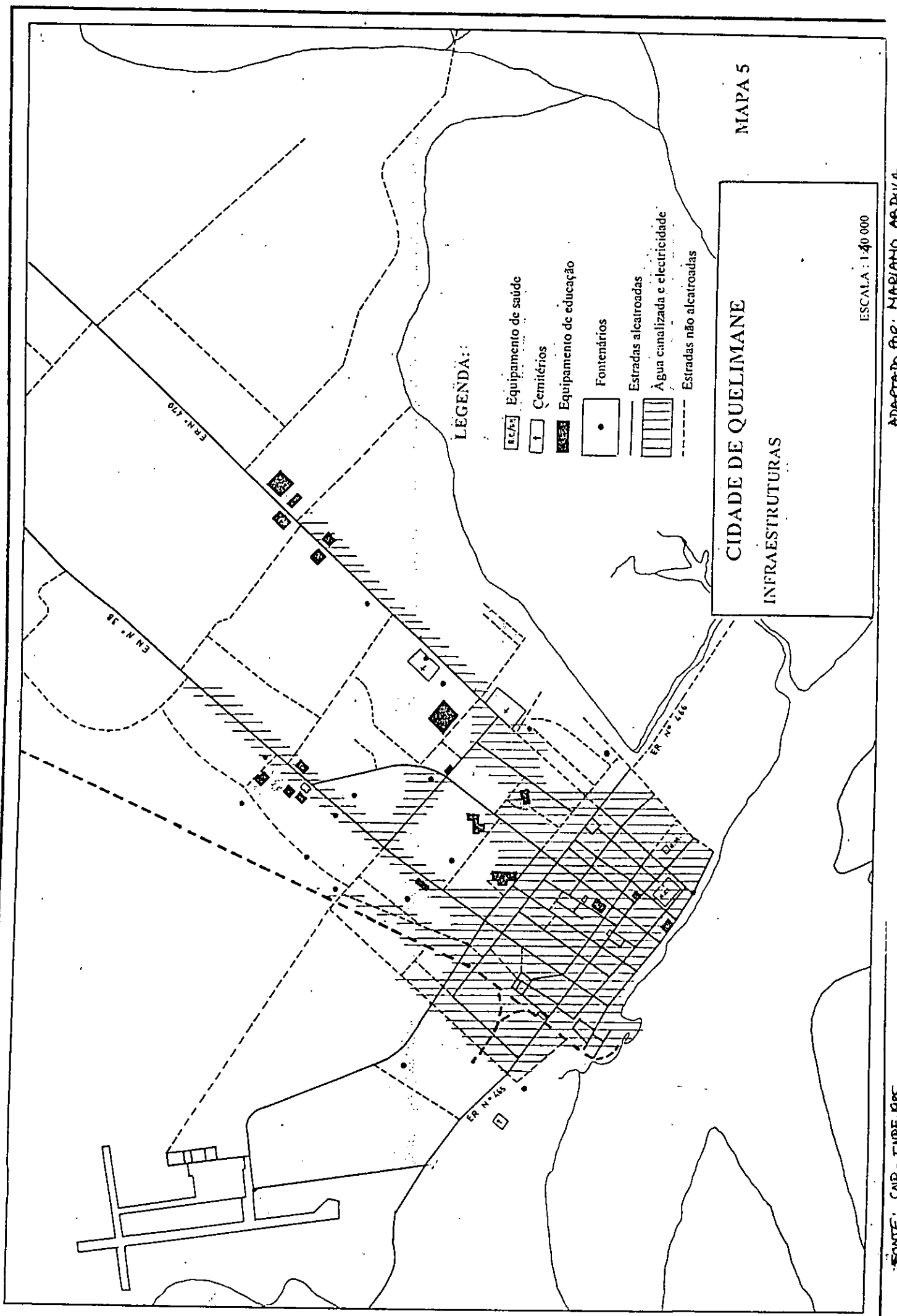
CIDADE DE QUEILIMANE

USO DO SOLO
REDE VIÁRIA

MAPA 4

ESCALA : 1:40 000








Rio dos Bóias Simais



CIDADE DE QUELIMANE
INFRAESTRUTURAS

MAPA 5

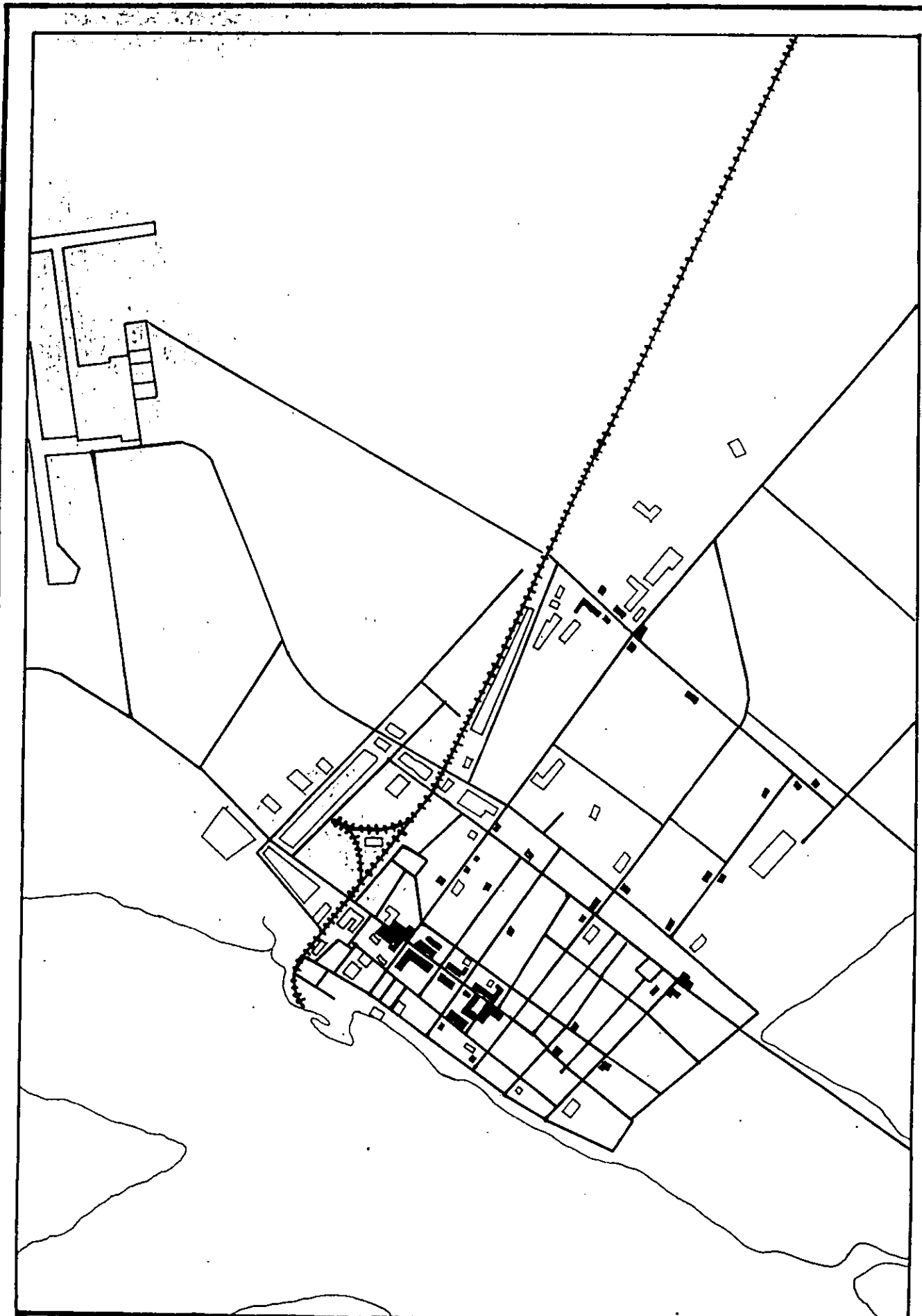
LEGENDA:

-  Equipamento de saúde
-  Cemitérios
-  Equipamento de educação
-  Fontenários
-  Estradas alcatroadas
-  Água canalizada e electricidade
-  Estradas não alcatroadas

ESCALA : 1:40 000

ADAPTADO POR: MARIANO ABDUJA

FORTE: CAP - IMPF, RRS.



CIDADE DE QUELIMANE

INFRAESTRUTURAS

□ INDÚSTRIA

■ COMÉRCIO

MAPA 6

ESCALA : 1:20 000



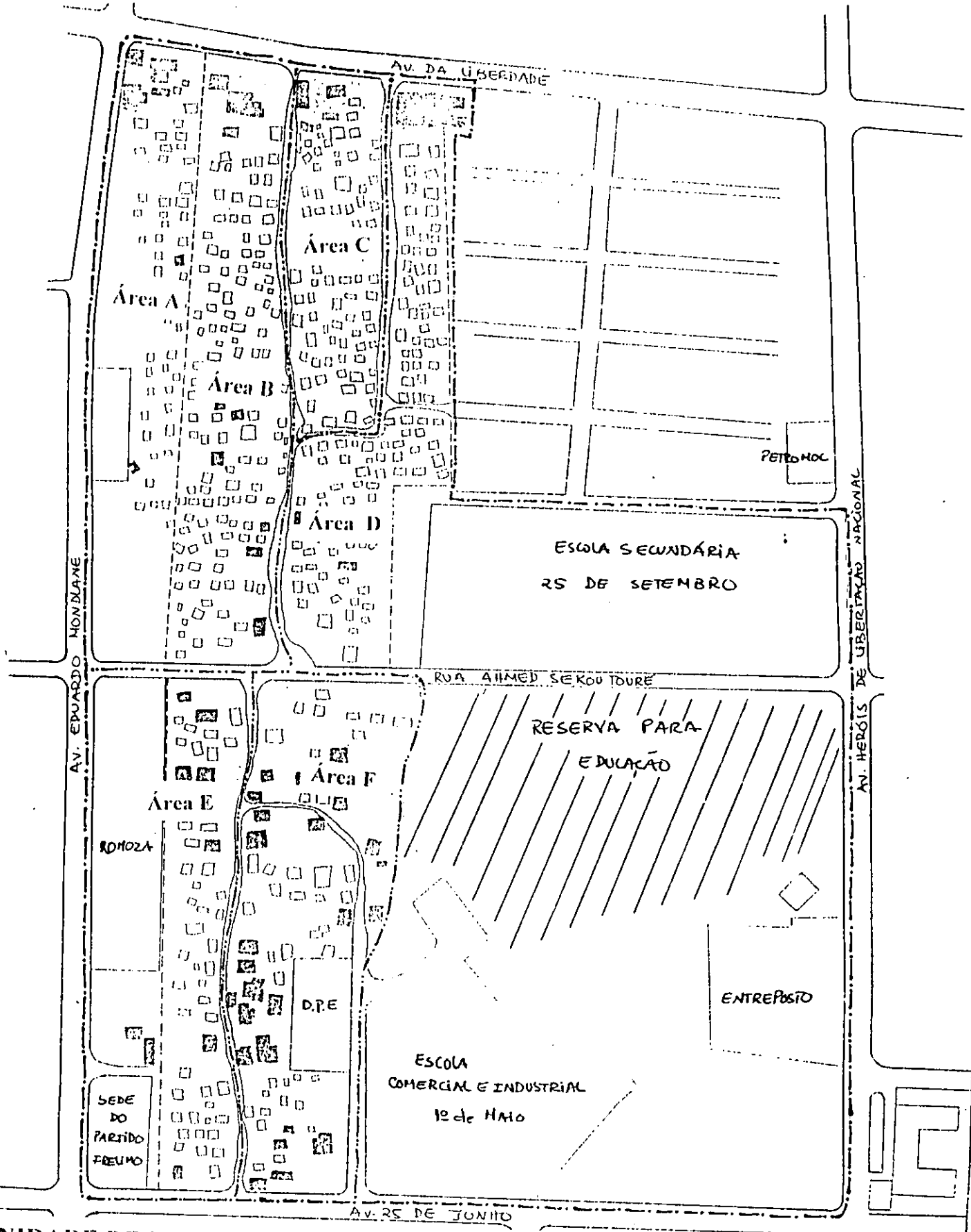
CIDADE DE QUELIMANE

MAPA 7

REDE DE DRENAGEM

- Vala de alvararia
- Vala simples

ESCALA : 1:20 000



UNIDADE DE KANSA

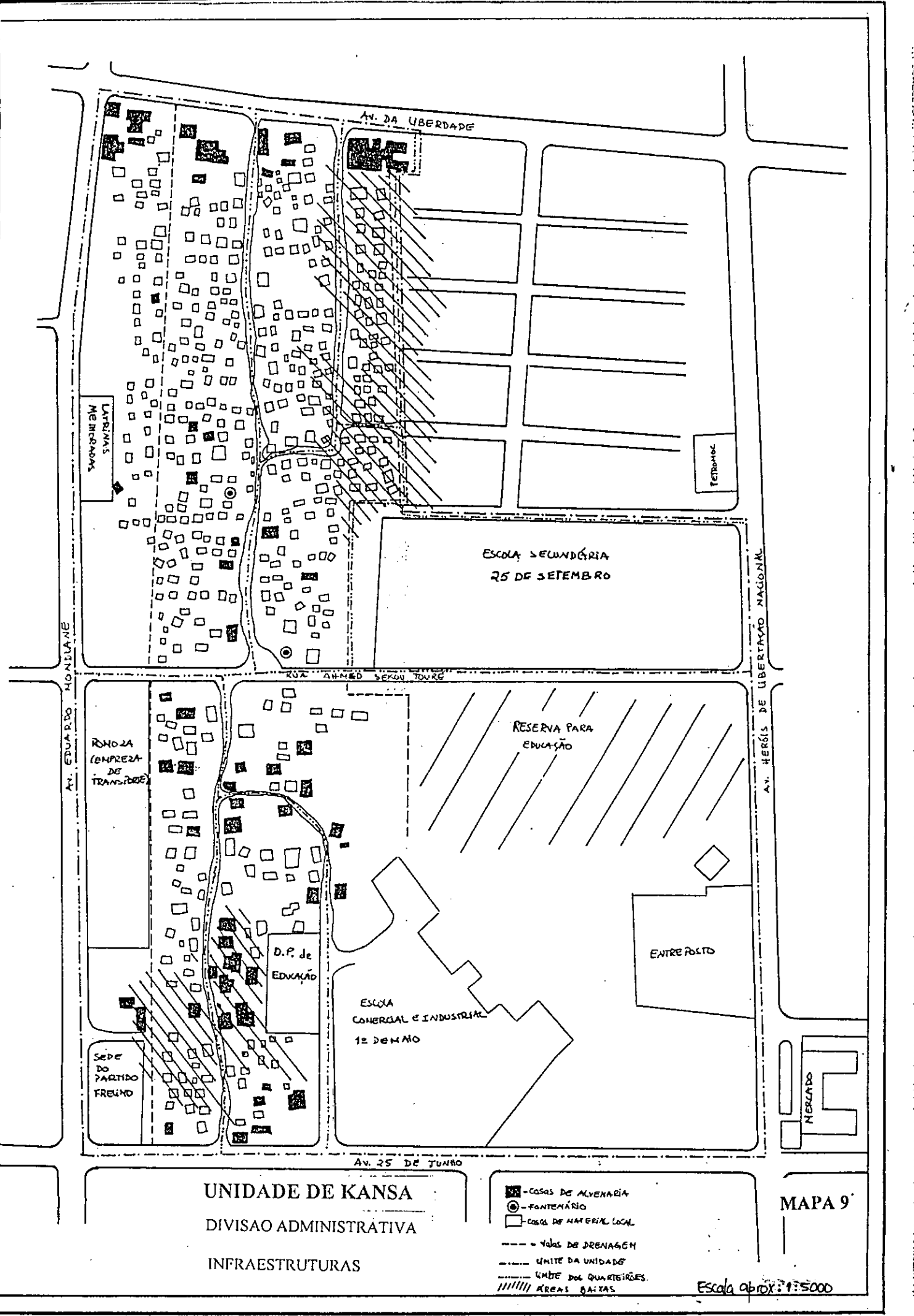
ESQUEMA DE DIVISÃO DA UNIDADE PARA O INQUERITO

- Limite da Unidade **MAPA 8**
- Limites das áreas

Fonte: SPPF-Zambézia, 1987.

ESCALA APROX: 1:5000

ADAPTADO POR: MARIAMO ABDULA

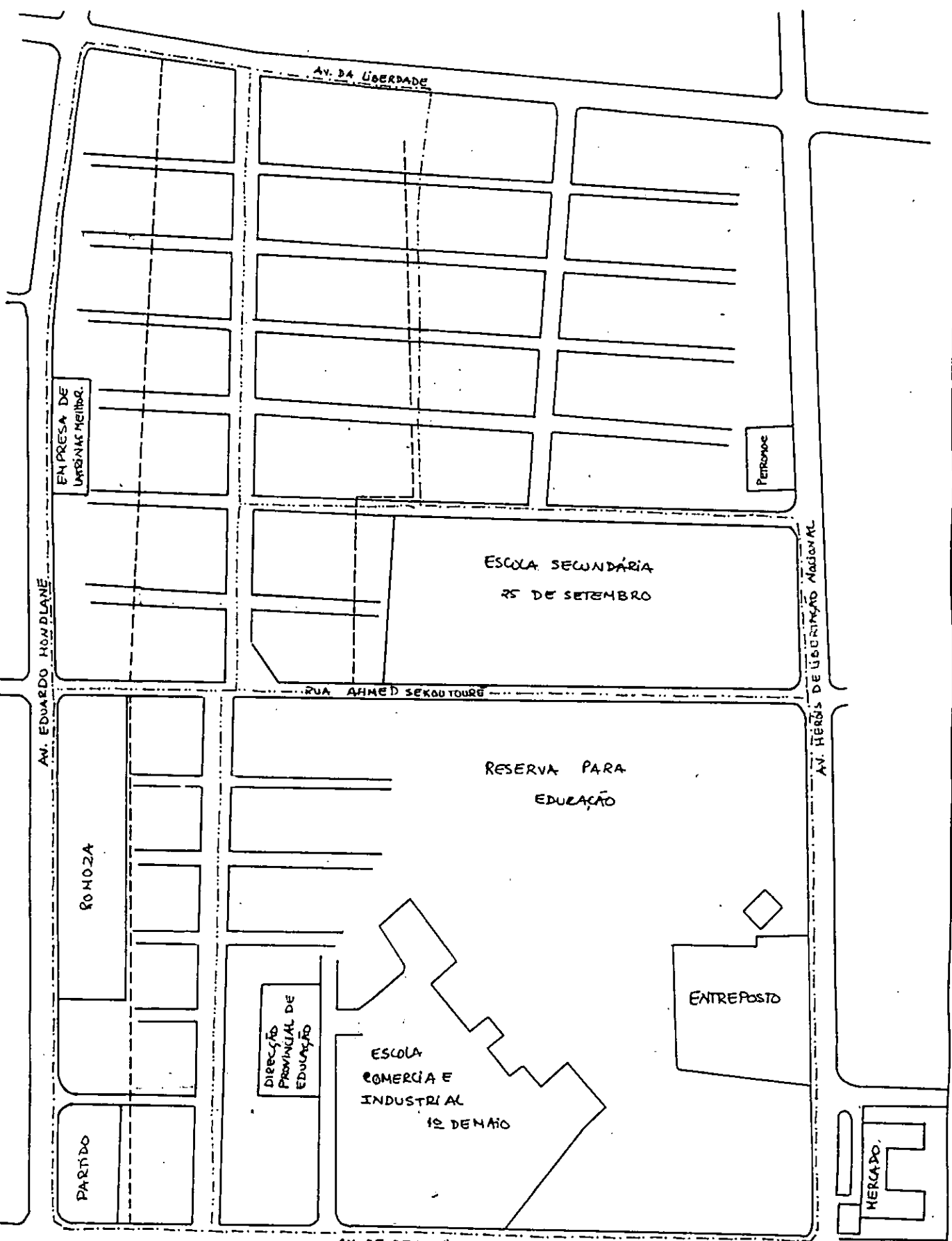


UNIDADE DE KANSA
 DIVISÃO ADMINISTRATIVA
 INFRAESTRUTURAS

- - CASAS DE ALVENARIA
- ⊙ - FONTEMÁRIO
- - CASAS DE MATERIAL LOCAL
- - VAZAS DE DRENAGEM
- LIMITE DA UNIDADE
- LIMITE DOS QUARTIÉRES.
- ////// MURAS BAIXAS

MAPA 9

Escala aprox: 1:5000



UNIDADE DE KANSA

PROPOSTA DO PLANO DE REORDENAMENTO

- UNITE DA UNIDADE
- UNITE DOS QUARTEIROS
- CANAIS DE DRENAGEM

MAPA 10

ESCALA APROX. 1:5000

ANEXO B

FORMULÁRIO DO INQUÉRITO

MANUAL DO INQUIRIDOR

1

**INQUÉRITO SOBRE ORDENAMENTO DA UNIDADE DE
KANSAS - 1º BAIRRO**

CIDADE DE QUELIMANE

Nº do Inquérito: _____

Nome do Inqueridor: _____

Data: ___/___/___

Hora: ___:___ - ___:___ **local :** _____

I - PERFIL DO INQUERIDO

1. Chefe da Família:

Idade: _____

Sexo: _____

Estado civil: _____

Actividade/profissão: _____

Habilitações literárias : _____

6. Onde exerce a sua actividade?

Dentro do bairro: ____
Em outro lugar : ____ Onde? _____

Conta Própria: _____
Estatal: _____
Privado: _____
Cooperativa: _____

7. Para além da sua actividade principal, pratica outra?

Não ____
Sim ____
Onde: _____

7.1. Indique que actividade:

Machamba ____
Venda de Artigos ____ Alimetar ____
Vestuário ____
Limpeza ____

Fabrica/Vende bebidas tradicionais ____
Cria animais de pequena espécie ____

Outro: _____

8. Qual é o material de construção da sua casa?

Material local ____
Alvenaria ____
Outro: _____

9. Quantas divisões tem a sua casa?

2 divisões ____ 3 divisões ____ 4 ou + divisões ____

10. A sua casa tem casa de banho?

Sim ____ Dentro de casa ____ Fora de Casa ____
Não ____

10.1. E latrinas tem? Sim ____ Não ____

II - PROBLEMAS E PRIORIDADES DO BAIRRO

16. Quais os principais problemas do bairro?

17. Como gostaria que fossem as casas aqui no bairro?

Casas com quintais

Casas sem quintais

Prédios

Outro:

17.1 Se escolheu a primeira opção, diga para que fim quer o quintal?

18. Diga quais os serviços que gostaria que fossem colocados no bairro por ordem de prioridade:

Hospital Água canalizada

Escola Jardins

Creche Polícia

Electricidade Acessos

Outros:

19. Para ter esses serviços no bairro, é necessário pagar taxas camarárias. Está disposto a pagar?

Não

Sim

. Pela recolha do lixo

. Pela manutenção do sistema de tratamento das águas residuais

. Pela manutenção do sistema de drenagem das água pluviais

19.1 Que outras formas de intervenção/participação daria para melhorar os serviços do bairro?
